

**A FRONTEIRA  
QUE NÃO SEPARA**

**VOX**

ano 3 | n° 7 | 2014

**Que palavra é “onde” na geografia da poesia?**

Fabián Severo

**Fronteiras em terras indecisas**

Carlos Garcia Rizon

**Linguagem de fronteira**

Aldyr Garcia Schlee





# EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA CULTURA  
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO  
COMPANHIA RIO-GRANDENSE DE ARTES GRÁFICAS

VOX é uma revista cultural publicada  
pelo Instituto Estadual do Livro (IEL)  
e a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)  
vox.ielrs@gmail.com

ISSN 1518-9600

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL Tailor Diniz / Reg. Prof. 4.912

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA VOX  
IEL Clarissa Pont, Débora Peters, Denise Pereira, Jéferson Assunção, Laís Chaffe, Maria Emília Portella,  
Vera Spolidoro e Tailor Diniz  
CORAG Mário Goulart, Paulo Bentancur, Paulo Wainberg e Walter Galvani

PROJETO GRÁFICO  
Instituto Naumild - Jackson Brum

DESIGNER RESPONSÁVEL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA  
Niruana Satie e Roberto Schmitt-Prym

ARTE DA CAPA  
Niruana Satie sobre gravura de Carlos Wladimirsky  
COORDENADOR DE PRODUÇÃO Paulo Bentancur

REVISÃO Estevão Cogoy e Paulo Bentancur

COLABORADORES Aldyr Garcia Schlee, Alexandre Brito, Altair Martins, Ana Mariano, Caio Riter,  
Carlos Garcia Rizon, Carmen Maria Serralta, Cátia Goulart, Cristina Peri Rossi, Edson Cruz, Fabián Severo,  
Flávio Ilha, Gustavo Czekster, Guto Leite, Haidée S. Hostin Lima, Júlio Alves, Juremir Machado da Silva,  
Lélia Almeida, Luís Augusto Fischer, Luiz Paulo Faccioli, Mauro Paz, Monique Revillion, Paulo Wainberg, Sandra Santos

Instituto Estadual do Livro (IEL)  
Rua André Puente, 318  
CEP 90035-150  
Porto Alegre-RS  
Fones (51) 33146450  
iel@sedac.rs.gov.br  
ielrs.blogspot.com

Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)  
Av. Cel Aparício Borges, 2199  
CEP 90680-570  
Porto Alegre-RS  
Fone (51) 32889700  
corag@corag.rs.gov.br  
www.corag.rs.gov.br

# A FRONTEIRA QUE NÃO SEPARA

Sob o ponto de vista da convivência e da cultura, a fronteira separa ou une duas nações? Até que ponto as aduanas normatizam a vida de quem vive na fronteira ou estabelecem alguma diferença entre quem vive num lado e no outro? Em seu livro *A fronteira onde Borges encontra o Brasil*, a professora Carmen Maria Serralta define a região de uma forma que talvez seja a mais próxima do real: “[...] o lugar poderia se referir a uma região polissêmica mais de ampliação do que de limitação de espaços, o que nos remeteria ao conceito de limes: um caminho entre dois territórios sem pertencer um ao outro, mas aos dois e definido por uma prática e não por uma lei. Não estamos longe do que nosso ficcionista-viajante, Jorge Luis Borges, ao lembrar aquela viagem de 1934, contou: ‘Naqueles dias a fronteira entre o Uruguai e o Brasil, perto do campo de Amorim, existia, salvo por alguns acidente naturais, apenas nos mapas.’”

E o que pensam sobre isso aqueles “fronteros” que precisam da palavra para expressar a sua arte, na prosa ou na poesia? Fabián Severo, escritor e poeta uruguaio, dá uma ideia de como a questão se resolve no ato da criação: “Ali as palavras não precisam de vistos nem respeitam aduanas, falamos portunhol, essa língua que é uma ponte entre o espanhol e o português e que durante muitos anos alguns quiseram transformar num dialeto indigno falado pelos pobres. Mas o portunhol é uma língua rebelde que não respeita geografias nem autoridades.”

Aldyr Garcia Schlee, um escritor também íntimo da fronteira, entende a região como um espaço mítico, um território ficcional situado “no plano de intersecção de duas nacionalidades e de entrelaçamento de duas línguas”. Na visão de Schlee, que adotou a região como cenário de todos os seus livros, “a fronteira é menos o signo de um território circunscrito e fechado sobre si mesmo do que um espaço aberto e móvel onde cada um se projeta no outro.”

Nesta edição de VOX, outros especialistas foram chamados para falar de fronteira e, na medida do possível, nos ajudar a entender a relação que pode existir entre esse espaço mítico, como definiu Schlee, e a criação literária. Abordamos aqui, pela proximidade, a fronteira do Brasil com Uruguai e Argentina. Mas, pela sua riqueza inspiradora, o tema é universal e tem valores diversos capazes de suscitar debates em outras circunstâncias geográficas e culturais.

Boa leitura.

Agosto de 2014

**8 :ENSAIO**

SABER-SE DA FRONTEIRA  
LUÍS AUGUSTO FISCHER

**10 :ENSAIO**

QUE PALAVRA É “ONDE” NA GEOGRAFIA DA POESIA?  
FABIÁN SEVERO

**13 :ARTIGO**

ENTRE MUITAS FRONTEIRAS  
JUREMIR MACHADO DA SILVA

**15 :ENSAIO**

FRONTEIRAS ENTRE TERRAS INDECISAS  
CARLOS GARCIA RIZON

**21 :ENSAIO**

BORGES NA FRONTEIRA BRASIL/URUGUAI  
CARMEN MARIA SERRALTA

**24 :TESTEMUNHO**

LINGUAGEM DE FRONTEIRA  
ALDYR GARCIA SCHLEE

**30 :ENSAIO**

A FRONTEIRA QUE HABITAMOS NA AMÉRICA LATINA  
CÁTIA GOULART

**34 :ENSAIO**

AS VIVANDEIRAS: ELAS BRIGAM COMO BICHOS E MORREM POR AMOR  
LÉLIA ALMEIDA

**38 :CONEXÃO URUGUAI contos**

CANTAR NO DESERTO  
CRISTINA PERI ROSSI

**40 :RESENHA**

DENSIDADES E AFETOS EM *O AMANTE ALEMÃO*  
MONIQUE REVILLION

**42 :CONTO**

MINHA MÃE, FLORENCE THOMPSON  
MAURO PAZ

**44 :POESIA**

*EQUILÍBRIO DE AÇUCENAS*  
NOS OLHOS  
PREVISÃO  
HAYDÉE S. HOSTIN LIMA

**45 :POESIA***PALAVRA ENGUIÇOU*

JÚLIO ALVES

**46 :ORIGINAIS conto**

SEXTA-FEIRA SANTA

LUIZ PAULO FACCIOLI

**48 :ORIGINAIS poesia**

FOICE

ANA MARIANO

**50 :ORIGINAIS conto**

CENA ÚNICA

PAULO WAINBERG

**55 :ORIGINAIS poesia**

NOTÍCIA

EDSON CRUZ

**56 :ORIGINAIS conto**

OS TRÊS CÃES DA BR-386

FLÁVIO ILHA

**58 :ORIGINAIS poesia**

SANDRA SANTOS

**59 :ORIGINAIS conto**

O VOO DA MOSCA

CAIO RITER

**61 :ORIGINAIS poesia**

CIÚME

MÍDIA ALTERNATIVA

O PROGNÓSTICO

ALEXANDRE BRITO

**62 :ORIGINAIS conto**

REGINA, O CONDOMÍNIO

GUSTAVO CZEKSTER

**64 :ORIGINAIS poesia**

GUTO LEITE

# SABER-SE DA **FRONTEIRA**

LUÍS AUGUSTO FISCHER  
ESCRITOR E PROFESSOR

Não saberia dizer quando foi a primeira vez que percebi ser de uma região de fronteira. Claro, não estou querendo localizar a primeira vez em que apenas ouvi falar dessa condição, por exemplo numa aula de geografia, quem sabe no meu distante curso primário; me refiro a outro tipo de momento, em que o contraste nos dá uma dimensão viva da diferença, da nossa condição particular, diversa de qualquer outra.

Ser do Rio Grande do Sul implica, em algum momento da vida intelectual, a consciência de saber-se da fronteira. Foi aqui que antes da Independência os reinos de Portugal e Espanha se confrontaram; foi aqui que o Brasil independente precisou encarar a tarefa de definir o limite territorial contra dois nascentes países, de língua próxima mas suficientemente diferente para permitir contraste; foi aqui que por muito tempo houve guerras e escaramuças, para não falar das meras provocações, tendo sempre antagonistas rosnando uns para os outros.

Vamos aos dados. O excelente livro *Soldados da pátria — História do Exército brasileiro*, de Frank D. McCain (trad. Laura Teixeira Motta, Cia das Letras, 2007), oferece uma tabela de dados (p. 39) que dá o que pensar, sobre a distribuição do Exército Brasileiro no exato ano de 1889, o primeiro da República. Dividindo a arma por Infantaria, Cavalaria, Transporte, Artilharia e Engenharia, isso distribuído por 12 estados e mais duas regiões (Nordeste e Amazônia), resulta que o Rio Grande do Sul é a região que tem, disparado, o maior número de tropas e homens. Simplificando a tabela, fico num número apenas: o RS sozinho tem 18 unidades do Exército; o segundo estado em número é o Rio de Janeiro, por sinal a capital federal, com 10; depois vem Mato Grosso, com 5, o Nordeste todo com 4, e depois vêm os demais, com 3, 2 ou 1 unidade militar.

Dá para discutir muita coisa. Por exemplo, essa desproporção entre o Rio Grande do Sul e o

restante do Brasil mostra com clareza a enorme presença militar, em primeiro lugar; em segundo, quem diz “presença militar” diz presença do Estado organizado, porque junto com unidades do Exército há letrados que anotam as ações, há corpos médicos, há logística (estradas, hospitais, vilas, etc.). Imagine-se então esses números, no final do século 19, tudo espalhado pelas várias passagens de fronteira. E olha que nesses números não estão computadas as forças militares das províncias...

Milico por toda parte. E tudo porque somos fronteira.

Vejam a coisa por outro lado — o lado letrado. Em seu sensacional *Atlas do romance europeu* (1800-1900), Franco Moretti propõe um pequeno enigma (trad. Sandra Gardini Vasconcelos, editora Boitempo, 2003): “Diferentemente dos romances sentimentais, os romances históricos se situam em geral na proximidade de grandes barreiras naturais: florestas, litorais de difícil acesso, amplas extensões de território e especialmente montanhas. Lugares ‘cuja história consiste em não ter uma história e que permanecem às margens das grandes correntes civilizatórias’ (Braudel), as montanhas permitem aos romances históricos transportarem-se rápida e dramaticamente ao passado mais distante” (p. 44). É o caso do pampa, aqui para nós, certo?

Daí, observa Moretti, é um passo para a seguinte observação: os romances históricos situam seu enredo longe dos centros e, por isso mesmo, “na proximidade das fronteiras”. Fronteiras que são de dois tipos, as internas (a um determinado estado nacional) e as externas. Pois bem: “fronteiras externas facilmente geram narrativas — mas de um modo elementar: escolhem dois campos opostos e fazem com que colidam” (p. 46), enquanto as fronteiras internas tendem a salientar outro tema, muito mais perturbador, a traição.

**“SER DO RIO GRANDE DO SUL  
IMPLICA, EM ALGUM MOMENTO  
DA VIDA INTELECTUAL, A ONISCIÊNCIA  
DE SABER-SE DA FRONTEIRA.”**


**“DAÍ, OBSERVA MORETTI, É UM PASSO PARA A SEGUINTE OBSERVAÇÃO: OS ROMANCES HISTÓRICOS SITUAM SEU ENREDO LONGE DOS CENTROS E, POR ISSO MESMO, “NA PROXIMIDADE DAS FRONTEIRAS”. FRONTEIRAS QUE SÃO DE DOIS TIPOS, AS INTERNAS (A UM DETERMINADO NACIONAL) E AS EXTERNAS.”**

Algo soou conhecido do prezado leitor destas linhas? Certo que sim. O Rio Grande do Sul, mapa daquelas tropas todas, em número maior do que em qualquer outra unidade brasileira no século 19, é também a pátria do romance histórico. Tomando com largueza o conceito — digamos, romance de temperamento realista cuja ação transcorre em algum ponto do passado e que traz elementos reais da história como moldura de um enredo ficcional — não teremos dificuldade em mostrar que desde o Partenon Literário, na altura de 1870, até hoje, segunda década do século 21, o que mais fizemos em narrativa foi exatamente isso que Moretti descreve, tanto na feição externa (lutas contra os castelhanos, que no entanto não aparecem muito como personagens) quanto, mais ainda, numa inusitada feição interna, mercê das também peculiares guerras civis aqui ocorridas, primeiro a dos Farrapos, depois a Federalista, depois ainda a de 1923, para ficar nas mais visíveis, mas não únicas, porque em 1750 houve a guerra contra as Missões, aproveitada por Erico na abertura da cronologia de *O tempo e o vento*, e no século 20 adentro houve outros momentos de crise e mesmo de potencial guerra interna, em torno da trajetória de Getúlio Vargas.

Alargando o conceito ainda mais, para abranger até o conto, puxa vida, aí mesmo é que não termina mais a lista de romancistas históricos no RS. Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Símones Lopes Neto, Alcides Maya, Erico, quem sabe Dyonélio em relação a 93, Josué Guimarães, Moacyr Scliar, Tabajara Ruas, Assis Brasil, Alcy Cheuiche, José Clemente Pozenato, Fausto Wolff, Letícia Wierzchowski, Marcel Citro, agora Samir Machado, vai longe a coisa. Em que outra região do país há tanta gente, durante tanto tempo, dedicada a fazer romance incursionando pela história, pela fronteira?

Ser da fronteira tem isso. Nossa condição imediata, a de habitantes de um espaço no

planeta, para nós nunca é imediata, porque ela há muito virou consciência, mediação sensível e racionalizada da vida. Não dá para dizer que seja privilégio, nem que seja desgraça; mas que é uma peculiaridade, isso é. :V



**“SOMOS E NÃO. DIZEMOS E OCULTAMOS. NUNCA APRENDEMOS A ENTOAR, MAS CANTAMOS. SOMOS UM PURGATÓRIO DE PALAVRAS. SOMOS UMA FRONTEIRA”**

# **QUE PALAVRA É “ONDE” NA GEOGRAFIA DA POESIA?**

**FABIÁN SEVERO**  
ESCRITOR E POETA URUGUAIO

Em que língua falamos os poetas? Qual gramática beija os nossos pensamentos? Que dicionário usamos para pintar os latidos que não nos deixam dormir? Em que mapa calcamos os versos de ar? De onde somos os poetas? Somos daqui e de lá, ilegais, marginalizados, não documentados, cidadãos do mundo? Que função cumprimos os poetas? Somos louros repetindo metáforas ensinadas por nossos amos ou ainda temos a coragem de inovar?

Somos e não. Dizemos e ocultamos. Nunca aprendemos a entoar, mas cantamos. Somos um purgatório de palavras. Somos uma fronteira.

Se nós, os poetas, somos como crianças que brincam com as palavras, a fronteira é um grande parque de diversões. Há um rio que rega/banha dois países, pontes que levam e trazem, ruas que falam várias línguas. Ali o sangue se mistura, a língua se entrevera, a vida se multiplica. Onde os mapas se unem ou se separam, onde alguém desenhou uma linha sobre a água ou uma borda sobre a terra, as pessoas vivem fronteiriçamente e falam um limbo idiomático. A fronteira sou eu que nem sei de onde sou.

Venho da fronteira do Uruguai com o Brasil. Ali as palavras não precisam de vistos nem respeitam aduanas, falamos portunhol, essa língua que é uma ponte entre o espanhol e o português e que durante muitos anos alguns quiseram transformar num dialeto indigno falado pelos pobres. Mas o portunhol é uma língua rebelde que não respeita geografias nem autoridades. É o canto desses pássaros dos quais nos falava o compositor uruguaio Aníbal Sampayo: “Os pássaros cruzam de um lado para o outro, muitos comem no Uruguai e à noite os bandos vão para o outro lado do rio e ali dormem. Essas aves não têm carteira de identidade, as aduanas não as detêm, nem as bandeiras, nem têm fronteiras”.

Em que língua falamos os “frontera”? Na língua que nos ensinaram na escola ou na língua que nossa mãe cantava antes de dormirmos? Talvez nos ocorra o mesmo que com o protagonista do escritor argentino Juan José Saer, que dizia: Da minha boca sai a bênção, e o veneno, e a palavra antiga com

que minha mãe me chamava ao entardecer, entre as fogueiras e a fumaça e o cheiro de comida que flutuava nas ruas avermelhadas, e esses sons que repercutem em mim como num poço seco e sem fundo. Entre as palavras que a voz arranca do sangue e as palavras aprendidas que a boca come ávida da mesa dos outros, minha vida oscila sem parar e traça uma parábola que às vezes apaga a linha de demarcação. Sinto-me atravessando uma região em que há zonas diurnas e noturnas, alternadamente, como o galo que canta fora de hora, como o bufão que improvisava para Ataliba, entre os risos da corte, uma canção que não era feita de palavras, mas unicamente de ruído.

Um dia quis escrever poemas sobre certas lembranças, mas não encontrava o som da minha rua. Os versos quebravam como um pedaço de terra ressecada, as palavras ficavam distantes da chuva que molhava aqueles dias. Então descobri que deveria tentar recriar o som da máquina de costura da minha mãe ou o sorriso com o qual Caio me convidada a levantar pandorgas. E ali surgiu isso parecido ao portunhol, palavras torcidas que traziam o cheiro ou a umidade da parede do meu quarto. Do idioma materno, são as palavras do afeto, da ternura, das emoções, da paixão. Não posso recriar nem expressar o meu passado sem elas.

Desde que escrevi *Noite nu Norte*, um livro de poemas em portunhol, passei por muitos interrogatórios que quase sempre começavam com a mesma pergunta: Por que escreveste em portunhol?

Não sei por que escrevo em portunhol. Às vezes estou olhando o céu naquela hora em que fica com cores confusas e sinto angústia de não saber quem sou. Então, pego um lápis e vou desenhando na folha estas imagens que vi viver ou que alguém me contou que viveu, que vivi ou sonhei, porque uma pessoa também tem o direito de sonhar ainda que não tenha com quê. As imagens surgem como quando era criança e copiava figuras, eu somente as resgato da memória afetiva que as registrou na língua que me cuidou com amor.

**“OS PÁSSAROS CRUZAM DE UM LADO PARA O OUTRO, MUITOS COMEM NO URUGUAI E À NOITE OS BANDOS VÃO PARA O OUTRO LADO DO RIO E ALI DORMEM. ESSAS AVES NÃO TÊM CARTEIRA DE IDENTIDADE, AS ADUANAS NÃO AS DETÊM, NEM AS BANDEIRAS, NEM TÊM FRONTEIRAS.”**

**“ONDE OS MAPAS SE UNEM OU SE SEPARAM, ONDE ALGUÉM DESENHOU UMA LINHA SOBRE A ÁGUA OU UMA BORDA SOBRE A TERRA, AS PESSOAS VIVEM FRONTEIRICAMENTE E FALAM UM LIMBO IDIOMÁTICO. A FRONTEIRA SOU EU QUE NEM SEI DE ONDE SOU.”**

Tomara eu pudesse explicar às pessoas que, às vezes, quando estou lembrando aquela tristeza que havia na minha terra, as palavras vão saindo uma em cima da outra, outras misturadas, palavras torcidas. Há dias em que tento arrumá-las, mas não consigo, elas começam a perder a sua música, o seu sabor. As palavras arrumadas são osso sem carne, morrendo nos meus cadernos. Mas outras vezes as deixo assim, todas torcidas, e então retorno aos meus dez anos e ando descalço pela rua, correndo com a Gabriela ou ajudando a Maria a colher laranjas. As poucas vezes que me acontece isso, me sinto menos triste, me esqueço que lá fora o mundo é tardinha. Por alguns segundos, volto a ter os sonhos que caminhavam no meio das pedras sem saber que as palavras tinham dono, quando acreditava que o mundo todo era meu.

Segundo o poeta uruguaio Javier Etchemendi: “A fronteira é uma circunstância física e psicológica, é o mistério de uma luz, de um idioma; a fronteira tem o seu cheiro próprio e as suas cores, a fronteira é perigo.” E o perigo da fronteira é um manancial para poesia. Manancial onde as palavras adquirem novos significados, onde a linguagem é espontânea, livre, onde se pode inovar a cada instante, onde o ar arrasta riqueza fonética, onde oralidade e escrita se confundem, onde os neologismos estão em cada esquina e no lugar de dizer “íamos”, podemos dizer “nosotro iba” ou “nós ia”. Onde os arames não detêm a musicalidade das palavras.

Em um lugar onde não sabemos onde estamos, porque de manhã fui comprar açúcar e arroz no Brasil, e de tarde fiz arroz com leite no Uruguai, e o sabor é daqui e de lá, é natural que a poesia também seja dupla e múltipla, e que utilizemos palavras em espanhol, português ou em portunhol segundo a necessidade poética, porque se pode “echar de menos” o pátio da infância ou sentir saudades que é “extrañar”, mas com música.

A fronteira é uma fonte inesgotável.

Escritores do continente, convido vocês a visitar a fronteira, a misturar plumas e línguas para encontrar metáforas novas. Descubramos imagens de ninguém e de todos e utilizemos a língua que

melhor represente o canto da vida, seja essa o português, o espanhol, castenhol, nuyorriquenho ou as que surjam onde alguém se pergunte o que há mais além do mar.

Talvez um dia todos nós sejamos a própria fronteira de um só continente, onde não seja preciso passar por aduanas para abraçar uma mãe ou responder interrogatórios para beijar um irmão, onde sonhemos uma só poesia. :v

*(Este texto foi lido no Encontro de Jovens Escritores da América Latina e Caribe, em fevereiro de 2012, na Feria Internacional do Livro de Havana, Cuba. Traduzido por Marlova Aseff.)*

# ENTRE MUITAS FRONTEIRAS

JUREMIR MACHADO DA SILVA  
JORNALISTA E ESCRITOR

Nasci em Santana do Livramento. Sou natural da “fronteira”. Reduzimos essa parte da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, divisa com o Uruguai, a esse termo único: “fronteira”. Ser da “fronteira” é um estado de espírito, um estilo de vida, uma tradição, um histórico. Temos certeza de que esse rótulo envolve homens de carne e osso num padrão de comportamento e numa forma de estar no mundo. Ser da “fronteira” é uma definição. Ser “de” fronteira funcionaria como uma abertura. Todo homem de fronteira seria, por definição, mesmo o da fronteira mais provinciana e simples, cosmopolita e de encruzilhadas.

Em 1999, publiquei, pela editora Sulina, um romance intitulado “Fronteiras”. Ambientado na fronteira Palomas. Um livro de muitas epígrafes: “Um golpe de dados, disparado pela mão esquerda do anjo, jamais abolirá o sentido, ainda que seja o sentido perdido, partido, no acaso. Um lance de dados, mesmo à revelia do poeta, nunca abolirá o prazer, violento e ferino, barrento, da narrativa oblíqua, ambígua, da vida. Um golpe de palavras na página, noturna, sangrando, jamais abolirá a teia da história, confusa, a rede pletórica de significados... por não ter nenhum, salvo a procura dos dados. Fronteiras do indizível... da morte que justifica a longa e fugaz caminhada sob o sol tão escuro”. Anônimo, 1967. Primeira fronteira: entre o real e o irreal, o mapa e o território, o texto e o contexto, a vida e a imagem.

“Salvar a literatura do ‘efeito’ para sonhar com o aprendizado do mistério da luz. Eis o meu projeto de vida”. Victor Malparti, 1963. Segunda fronteira: entre o projeto e o possível, o desejado e o desejante, a ilusão e o iludido, a função e o jogo, o instrumento e o procedimento, a teoria e a prática, a invenção e a descrição, o mecanismo e a mecânica, a forma e o conteúdo, a narrativa e o narrador, o autor e a obra, o escritor e o leitor, o fictício e o vivido, a intenção e a decodificação, a mensagem e o emitido, o encontro e o desencontro, o universo da história e a história do universo, a janela e o mundo lá fora, luz e sombra.

**“PODEMOS SAIR DA FRONTEIRA, MAS  
ELA NÃO SAI DE NÓS. HÁ ALGUM  
DESCONFORTO NESSA IMPERMANÊNCIA.  
POR OUTRO LADO, HÁ CERTO GOZO  
NESSA IDENTIDADE. SER DA FRONTEIRA  
É VIVER NA FRONTEIRA.”**

**“A FRONTEIRA É ESSENCIALMENTE UMA MARGEM. A FRONTEIRA REAL É A PARTE IRREAL DA LINHA DIVISÓRIA. O ESPAÇO FISICAMENTE IMPOSSÍVEL ENTRE DOIS LUGARES, AQUELA NESGA IRREAL QUE NÃO PERTENCE A QUALQUER UM DOS CONJUNTOS EM CONTATO.”**

“Bagual que nunca se amansa, por mais golpeado que seja”. Os Serranos. Terceira fronteira: entre a louvável autorrepresentação e a expectativa em relação ao olhar do outro, local e universal, aldeia e mundo, singular e generalização, expressão particular e particularidade da expressão, cor local e metáfora padronizadora, prosa e poesia, sentimento e descrição, aproximação e distanciamento, violência e paixão, felicidade e deslocamento, presença e ausência, contradição e coerência, reconhecimento da diferença e indiferença ao estranho, jeito de estar no mundo e aceitação da impossibilidade da mudança, fatalismo e insubmissão.

“As palavras sabem a nosso respeito aquilo que ignoramos sobre elas.” René Char. Quarta fronteira: entre o abismo e a segurança, a terra firme e o precipício, a potência expressiva e a impossibilidade da expressão, o silêncio da existência e o ruído infernal da literatura, a mudez e a escrita, a fala e o que cala, a tradução e a impressão, a pintura e a fotografia, a narrativa e o narrador, o perceptível e o inexpressivo, vida e arte.

— Palomas nunca existiu.

— Jamais tive essa ilusão.”

Dois leitores.

Quinta fronteira: entre o real e a sua transfiguração, o existente e a sua metamorfose, o vulgar e a sua recriação, a imagem, o imaginário e o imaginado.

O argentino Borges fez o bibliotecário Dahlmann embarcar em Buenos Aires para o Sul. Viagem sem retorno rumo ao passado e ao encontro da morte. No universo sem fronteiras de Borges “nadie ignora que el Sur empieza del otro lado de Rivadavia”. A “fronteira” para muitos como eu começa depois da ponte do Guaíba. Meu personagem, em “Fronteiras”, sem a grandeza trágica de Dahlmann, definia-se como um homem em fronteiras, ou seja, um ser da fronteira, da sua fronteira, transpondo fronteiras, sem limites, mas dentro do seu limite geográfico, seu habitat, seu ecossistema, seu lugar: “Entrei em Palomas, pela primeira vez, em 1909, bem antes de me enrabichar com os caudilhos que me ensinaram

a lealdade, o ódio e tantas palavras difíceis. Servi em cidades. Sacolejei em trens noturnos. Fui guardacostas, pistoleiro, mandalete, jardineiro, cabo eleitoral, falsificador de cédulas, educador político, responsável pelos votos dos mortos em pleitos decisivos, braço direito de chefetes municipais e, em qualquer situação, o homem das sombras. Estive onde nunca imaginei e imaginaram a minha presença onde nunca me encontrei. De tanto ser, acabei em nada. Não me faltou ocasião para desgraçar alguma casa de família ao escapar com uma moça direita na garupa de um dos meus pingos”.

Como meu personagem, vivo, desde muito tempo, num território real e imaginário de fronteiras: entre a história, a sociologia, o jornalismo, a filosofia, a antropologia e a literatura. Não pertencço inteiramente a nenhum desses mundos. Em todos eles, estou deslocado. A fronteira é essencialmente uma margem. A fronteira real é a parte irreal da linha divisória. O espaço fisicamente impossível entre dois lugares, aquela nesga irreal que não pertence a qualquer um dos conjuntos em contato. O fronteirista, no seu imaginário mais profundo, reservatório de afetos e motor de novas ações, é um errante. Aquilo que conta para os outros também conta para si. Quem acredita mais? Quem conta? Quem ouve ou lê?

Tudo o que escrevo está na fronteira: do romance de não ficção ao texto acadêmico transdisciplinar. Sou guiado intuitivamente por esse imaginário de fronteira que me serve de bússola. Podemos sair da fronteira, mas ela não sai de nós. Há algum desconforto nessa impermanência. Por outro lado, há certo gozo nessa identidade. Ser da fronteira é viver na fronteira. A fronteira é uma linha imaginária entre duas ficções. Dois dos meus personagens em “Fronteiras”, livro que faz fronteira com dois outros, falam de pontos cardeais.

— O pampa faz fronteira, ao Sul, com o céu; ao Norte, com o inferno; a Oeste, com o purgatório – brincou Agassis.

— E a Leste?

— Com o infinito.”

Fronteira aberta. Última fronteira agreste. :V

Crédito: Nick Rands

# FRONTEIRAS EM TERRAS INDECISAS

CARLOS GARCIA RIZON  
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO



## “DEVIDO À HISTÓRICA EXPANSÃO LUSO-BRASILEIRA EM DIREÇÃO AO RIO DA PRATA, A PRESENÇA DE BRASILEIROS NO TERRITÓRIO URUGUAIO, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, ERA CONSIDERÁVEL. DADOS DE 1863 MOSTRAM QUE, DE UM TOTAL DE 180.000 HABITANTES NO URUGUAI, 40.000 ERAM BRASILEIROS.”

O espaço fronteiriço tem servido para ambientar muitas das obras literárias produzidas por escritores dos dois lados da divisa entre Brasil e Uruguai. Autores que apresentam personagens que vivem angústias, medos, coragem, perigo, violência, corrupção e muitos outros dramas. Na produção do uruguaio José Monegal, por exemplo, são recorrentes os conflitos gerados pela tensão entre o legal e a contravenção, e tênues são as diferenças entre o que seja certo ou errado. No conto “Renuncia del comisario Portela y del cabo Lapuente”, como o próprio título anuncia, a temática gira em torno de oficiais que desistem da perseguição de um fora da lei que vivia do contrabando por necessidade, como atesta seu depoimento:

Porque en la última estancia donde trabajé, el patrón, que es el gringo Padula, nos iba sacando la vida a fuerza de hacernos cimbrar el lomo en el campo, pa después encontrar un poco de agua sucia y unas tajadas de charque en la mesa. Yo compro y vendo, capitán, pasando por arriba de unos hombres patentaos, que algunas veces se han arreglao conmigo. Yo trabajo, capitán, y en ese trabajo dentran el sudor y el arriesgue; pero mis hijitos están gordos y mi mujer contenta. Y yo soy libre de dir y venir, y de no aguantar caprichos y miserias de ningún mandón, que esos sí deberían estar juera de la ley, pues por cada barril o fardo que yo paso ellos pasan rodeos enteros. ¡Yo soy un hombre, capitán, y tengo vergüenza!

No final, Portela e Lapuente, convencidos de que a atividade ilícita do contraventor, naquele contexto, era a alternativa para uma vida de melhor sorte, abandonam seus cargos para se juntarem ao contrabandista: “Una hora después los tres pasaban la Picada Sucia, rumbo a Brasil.”

Situações como essa conferem perceber que a prática do contrabando leva a que se considere uma coexistência do conflituooso com o permitido, como confirma “Contrabandista”, conto de Simões Lopes Neto, que apresenta o comércio ilegal como prática histórica:

Nesta terra do Rio Grande sempre se contrabandeou, desde em antes da tomada das Missões. Naqueles tempos o que se fazia era sem malícia, e mais por divertir e acoquinhar as guardas do inimigo: uma partida de guascas montava a cavalo, entrava na Banda Oriental e arrebanhava uma ponta grande de eguariços; abanava o poncho e vinha a meia rédea; apartava-se a potrada e largava-se o resto; os de lá faziam conosco a mesma coisa; depois era com gados, que se tocava a trote e galope, abandonando os assoleados.

Na ocupação do território colonial em disputa entre Portugal e Espanha, aproveitando-se da situação na qual o contingente de luso-brasileiros era maior que de hispânicos na região pampiana, foi estratégia de Portugal a tática do *uti possidetis* através da doação de terras, propiciando a instalação das primeiras estâncias naquela área. Como postos avançados em território fronteiriço, as estâncias que se instalaram nesse espaço de disputa constante necessitavam oferecer resistência, fosse aos ataques de exércitos inimigos em tempos de guerra, ou aos saques de bandidos em tempos de paz. Descrições desses ambientes se encontram em obras literárias, como no conto “El sargento”, de José Monegal, onde são apresentadas situações em que o perigo e as tensões são realidades de uma época:

El Alto de Achiras, el Bajo de Toledo, la Quebrada del Perdido y la Salamanca Grande configuraban una larga y ancha comarca fronteriza. Era por el tiempo que cada casa cabecera de haciendada constituía una

## “A PERSONAGEM HERMES NIEVER É UM BRASILEIRO QUE ESTÁ PRESO NO URUGUAI POR SER “UN SEQUESTRADOR DE NEGROS LIBERTOS AL SERVICIO DEL IMPERIO DEL BRASIL, [...] POR LADRÓN DE CABALLOS Y DE NEGRAS PREÑADAS.”

fortaleza; de las pulperías enrejadas; de los caminos que ahondaban enormes carretas con ejes chirriantes, gauchos solitarios, a veces escuadrones de guerra o cuadrillas de malevaje; tropas de ganados chúcaros.

Também em Javier de Viana, outro autor uruguaio, há um retrato da arquitetura das estâncias, destinadas à proteção e, por isso, construções fechadas em si, sem aberturas à paisagem exterior, como descreve o conto “Los amores de Bentos Sagrera”:

La estancia de Sagrera era uno de esos viejos establecimientos de origen brasileño, que abundan en la frontera y que semejan cárceles o fortalezas. Un largo edificio de paredes de piedra y techo de azotea; unos galpones, también de piedra, enfrente, y a los lados un alto muro con sólo una puerta pequeña dando al campo. La cocina, la despensa, el horno, los cuartos de los peones, todo estaba encerrado dentro de la muralla.

Essas são características de muitas das construções que ainda se encontram na área rural da cidade de Jaguarão, no Brasil. Altos muros feitos de pedra cercam as casas das propriedades, o que dificultava as investidas dos antigos inimigos. Esse é um patrimônio material edificado que compõe um cenário que ilustra a história do final do século XVIII e início do XIX e define uma fronteira que teve sua formação nas várias lutas, em diferentes tempos, entre duas monarquias, um império, três nações e nas muitas guerras revolucionárias de cada uma das províncias e dos países dessa região, pois as disputas entre as coroas ibéricas e as nações independentes tiveram continuidade no século XIX. Em 1801, um conflito peninsular, que na Europa durou somente algumas semanas, encruceceu os ânimos na fronteira das colônias americanas. Com a notícia de paz tendo chegado neste lado do Atlântico com meses de atraso, já no final daquele ano, houve tempo para que fossem tomados pelos luso-brasileiros os Sete Povos das Missões, os Campos Neutrais e as terras até o rio Quaraí, estabelecendo uma delimitação próxima do que se tem na atualidade. Nessa ocasião, Cerro Largo, atual cidade uruguaia de Melo, chegou a ser invadida, e grande parte do gado ali existente foi confiscado e

levado a terras brasileiras. Aldyr Garcia Schlee, no conto “Don Sejanos”, se refere ao episódio:

[Don Sejanos] era dos “campos neutrais”, andava pela fronteira vendendo coisas aos soldados e passando mercadorias quando houve a primeira guerra – a que não era para ter sido. O Cerro Largo foi ocupado por tropas portuguesas que levaram mais de dez mil reses, depois veio a notícia atrasada da paz, e todos os lugares voltaram ao de antes. Foi só o susto e tantos e tantos miles de homens em armas.

Os movimentos de independência convulsionados na colônia hispano-americana a partir da invasão napoleônica na península Ibérica, na primeira década do século XIX, também motivaram a invasão de tropas luso-brasileiras na província da Banda Oriental do Rio da Plata, em 1811. Posteriormente, em 1816, voltaram a ocupar Montevidéu para combater aos rebeldes blandengues liderados por José Gervasio Artigas.

O enfrentamento entre luso-brasileiros e artiguistas se prolongou durante quatro anos, e os portugueses conseguiram derrotar o líder oriental somente em 1820. No ano seguinte, o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve incorporou a província oriental, que, sob o controle português, passou a denominar-se Cisplatina.

Com a independência do Brasil, em 1822, iniciou-se um período de transição à soberania do novo Império, havendo a retirada das tropas portuguesas da Cisplatina. Com isso, motivaram-se as Províncias Unidas do Rio da Prata a postular a reincorporação da Banda Oriental, pois esse era o desejo de muitos orientais exilados em Buenos Aires. Mobilizados, os caudilhos orientais empreenderam a luta de expulsão dos brasileiros da Cisplatina após o desembarque, na praia La Agraciada, do grupo conhecido como Los treinta y tres orientales. O levante se iniciou em 1825, e o general Juan Antonio Lavalleja declarou a Banda Oriental “de hecho y de derecho, libre e independiente del rey de Portugal, del emperador de Brasil, y de cualquier otro del Universo, y con amplio poder para darse las formas que, en uso y ejercicio de su soberanía, estime conveniente”. Depois de dois anos de batalhas entre o Império do Brasil e a Confederação Argentina, o episódio de 20 de fevereiro de 1827, que os platinos denominam Batalha de Ituzaingó e os brasileiros

de Batalha do Passo do Rosário, foi determinante para que se avançassem as negociações de paz.

Através da intermediação da Inglaterra, interessada no acesso aos portos e no comércio da região, foi proposta a criação de uma nação independente na Banda Oriental. No dia 25 de agosto de 1828, um Tratado Preliminar consagrou a paz e o surgimento de um novo país, a República Oriental do Uruguai, que nasceu sem a formalização de um traçado demarcado. As questões fronteiriças ficaram postergadas e só voltaram a ser negociadas em 1851, após finalizadas a Revolução Farroupilha (1835-1845) no Rio Grande do Sul e a Guerra Grande (1839-1851) no Uruguai, guerras essas entre republicanos e imperiais uma e entre blancos e colorados a outra. O Tratado de Limites de 1851 entre Brasil e Uruguai foi realizado com vantagens para os brasileiros, pois as discussões ocorreram juntamente com a negociação de empréstimos que o Império concedeu ao governo colorado para a defesa de Montevideu e a expulsão das tropas que sitiavam a capital uruguaia, os blancos do general Manuel Oribe e os argentinos do ditador Juan Manuel de Rosas. Dependente do dinheiro brasileiro e debilitado diplomaticamente, o governo uruguaio ficou condicionado a aceitar os termos impostos pelo Império, facilitando para o Brasil a determinação de condições que lhe eram favoráveis, como o uso exclusivo das águas da lagoa Mirim e do rio Jaguarão. Outro item obrigava a devolução de escravos fugidos do território brasileiro, contrariando a lei uruguaia em relação ao tema, pois na República Oriental a escravidão já tinha sido abolida.

Devido à histórica expansão luso-brasileira em direção ao rio da Prata, a presença de brasileiros no território uruguaio, na segunda metade do século XIX, era considerável. Dados de 1863 mostram que, de um total de 180.000 habitantes no Uruguai, 40.000 eram brasileiros. Também, segundo o historiador Aníbal Barrios Pintos, 43,9% do gado existente na República pertencia a rio-grandenses. O senador brasileiro Silva Ferraz, em 1859, descreveu a região, transcrita pelo mesmo historiador uruguaio, sem reconhecer diferenças entre Brasil e Uruguai: “al pasar al otro lado del río Yaguarón, el traje, el idioma, las costumbres, la moneda, los pesos, las medidas, todo, todo señores, hasta la otra banda del río Negro, todo señores, hasta la tierra: todo es brasileño”, fazendo do norte uruguaio um prolongamento do Império. Essa expressiva predominância demográfica brasileira no Uruguai se traduzia no poder econômico, derivando

em profundas interferências na política interna da República Oriental. Em relação à escravidão, os brasileiros burlavam a legislação uruguaia através de contratos de locação de serviços, os quais podiam durar muitos anos, sendo comum que existissem por até 30 anos. Nas décadas de 1850 e 1860, houve inúmeras denúncias de ataques a estâncias para capturar negros. No romance *No robarás las botas de los muertos*, de Mario Delgado Aparain, os temas de sequestros de negros libertos e de negras grávidas estão presentes. A personagem Hermes Nieves é um brasileiro que está preso no Uruguai por ser “un secuestrador de negros libertos al servicio del Imperio del Brasil, [...] por ladrón de caballos y de negras preñadas”. A obra mostra também como se invertem os juízos apenas por se cruzar a linha divisória entre um país e outro, como o caso do bandoleiro Laurindo, “ladrón de criaturas negras en la República del Uruguay, legalizado una y otra vez por la justicia de Piratiny”.

Nesse período, as hostilidades entre orientais e brasileiros foram frequentes e, da mesma forma que os uruguaio se queixavam das violências cometidas pelos estrangeiros dentro de seu país, também os estancieros rio-grandenses com terras no Uruguai reclamavam de sistemáticos e impunes abusos de roubo de gado, invasões de terras e assassinatos feitos com a conivência das autoridades. Devido a isso, em maio de 1864, através do conselheiro José Antônio Saraiva, o Brasil listou centenas de crimes sofridos por brasileiros residentes no território oriental e reivindicou providências das autoridades uruguaias. O governo do partido blanco tomou aquele protesto como uma afronta e intromissão, não acatando nenhuma das exigências relacionadas no documento conhecido como “Missão Saraiva”. Em agosto de 1864, houve o rompimento das relações entre Brasil e Uruguai, seguindo-se uma intervenção armada brasileira em apoio ao partido colorado, que iniciava uma guerra civil.

Entre os episódios que se sucederam, encontra-se o cerco à cidade de Paisandu, onde os colorados do general Venancio Flores, apoiados militarmente por Brasil e Argentina, enfrentaram aos blancos para derrubá-los do poder. Esse que parece ser um dos combates de uma guerra civil, foi também o início de uma guerra continental, como descreve o romance de Delgado Aparain:

**“PORÉM, O ENTENDIMENTO ENTRE FRONTEIRIÇOS DE AMBOS OS LADOS DA DIVISA POSSUI LAÇOS ESTREITOS PORQUE A EXOGAMIA SEMPRE FOI PERSISTENTE. NOS TEMPOS DA CISPLATINA, INCLUSIVE, ERA POLÍTICA DO GOVERNO O FAVORECIMENTO DOS ENLACES BINACIONAIS NO INTUITO DE SEDIMENTAR A PRESENÇA BRASILEIRA NO SOLO ORIENTAL.”**

[...] será este el preámbulo de un despojo que cargará de oprobio a los endemoniados protagonistas, a saber, son el emperador Pedro II del Brasil y Bartolomé Mitre, presidente de los argentinos, general y cronista de una historia antojadiza. Ambos deseaban escarnear y mutilar el Paraguay de Francisco Solano López [...]. Este par de rapiñeros ha sabido embozar estos planes de despojo a cuatro manos, bajo la máscara de una cruzada por la libertad y otras patrañas. Y para ello han usado al general Venancio Flores, un hombre entretenido en golpear a los hombres a uno y otro lado de la frontera [...]. Mitre y el Emperador le han prometido ayuda: derrocar al presidente Atanasio Cruz Aguirre y hasta sentarlo en el sillón presidencial, con la condición de que, a cambio, agregue su parte de sangre en la marcha de los tambores sobre el Paraguay.

Com a vitória dos colorados na disputa contra os brancos, restabeleceram-se as relações entre Brasil e Uruguai e, junto a isso, os limites vigentes desde 1851. Somente em 1909 houve a concessão brasileira para que o Uruguai fizesse uso das águas da lagoa Mirim e do rio Jaguarão. Isso aconteceu porque o Brasil reordenou sua política externa, pois percebeu que a divisão das águas possibilitaria um crescimento econômico recíproco com seu vizinho, intensificando as relações comerciais. Reconhecendo o “esforço” brasileiro, o Uruguai mudou o nome da cidade de Artigas para chamá-la Rio Branco em homenagem ao negociador brasileiro que atendeu os desejos do povo oriental. A partir do direito de livre navegação nas águas do rio Jaguarão, pôde o Uruguai acordar com o Brasil, em 1918, o pagamento da dívida contraída em 1851. Esse acerto se deu através da construção de uma ponte, interligando as cidades de Rio Branco e Jaguarão. Financiada unicamente por capital uruguaio, foi inaugurada no dia 30 de dezembro de 1930.

Ao contrário dos muros que concretizam a imagem da separação e do distanciamento entre os povos — presentes nas estâncias fortins que, no início do século XIX, ilustravam as relações institucionais entre Brasil e seu vizinho do sul —, a ponte estabeleceu um vínculo de aproximação através do trânsito de idas e vindas que ela permite.

No entanto, mesmo possibilitando o trânsito, pode-se entender o estreitamento proporcionado pela ponte em seus dois sentidos, pois, junto à aproximação, há também um estrangulamento dos caminhos, uma passagem controlada e fiscalizada. Na Ponte Internacional Mauá, onde em cada uma das cabeceiras existem imponentes escritórios alfandegários, a precisão da divisa já foi explícita, pois houve um tempo em que, justo no meio, marcado no chão, partindo de uma balaustrada e chegando na outra, um traço vermelho repartia o que era território brasileiro e o que era uruguaio.

O escritor Aldyr Garcia Schlee utiliza essa referência para mostrar como imagem o distanciamento que ela produz. No conto “Braulina”, jovens enamorados, mas contidos pelos juízos familiares, expressam suas angústias de corações partidos:

[...] foi quando passaram o risco que separa o Brasil do Uruguai, o traço vermelho no cimento da ponte. Estavam, ele do lado de cá, ela do lado de lá, um passo na frente. Ele pediu que ela parasse e disse, com surpreendente e brutal naturalidade: – Que engraçado, nós tão perto um do outro e tão separados!

As determinações das leis, as imposições dos tratados e as demarcações que afirmam o que é de um e de outro são sempre definidas por um poder central, por governantes que, na maioria das vezes, são pessoas que não têm a vivência do espaço que milimetricamente repartem. Por isso, hoje, aquela linha vermelha no meio da ponte, apesar de que ainda existam rastros, ninguém mais a percebe porque anos de intenso tráfego de pessoas, do sol e

**“PORÉM, O ENTENDIMENTO ENTRE FRONTEIROS DE AMBOS OS LADOS DA DIVISA POSSUI LAÇOS ESTREITOS PORQUE A EXOGAMIA SEMPRE FOI PERSISTENTE. NOS TEMPOS DA CISPLATINA, INCLUSIVE, ERA POLÍTICA DO GOVERNO O FAVORECIMENTO DOS ENLACES BINACIONAIS NO INTUITO DE SEDIMENTAR A PRESENÇA BRASILEIRA NO SOLO ORIENTAL.”**

da chuva, fizeram dela não mais uma identificação de espaço delimitado, mas sim um reconhecimento de divisões apagadas.

As situações conflituosas, motivadoras de inúmeros enfrentamentos bélicos, fizeram com que os habitantes dessas terras indecisas — por indefinidas ou de definições fugazes — determinassem fronteiras marcadas por uma população culturalmente múltipla e híbrida, construída por tradições de vertentes de um lado e outro, pois, em determinado período, ora estava sob a regência do governo espanhol, ora sob as ordens do governo português; posteriormente, esteve submetida ora ao Uruguai e ora ao Brasil imperial ou ao Rio Grande republicano.

Porém, o entendimento entre fronteiras de ambos os lados da divisa possui laços estreitos porque a exogamia sempre foi persistente. Nos tempos da Cisplatina, inclusive, era política do governo o favorecimento dos enlaces binacionais no intuito de sedimentar a presença brasileira no solo oriental.

Nas escolas fronteiriças, tanto antes como agora, os falares mesclados de português e espanhol evidenciam a interação existente na fronteira, coisa que desgostava pensamentos puristas de identidades nacionais. Em sentido inverso desse posicionamento está a produção do poeta Fabián Severo, natural da fronteira cidade de Artigas, Uruguai, que compõe versos carregados de originalidade linguística que dão uma tonicidade própria e libertária, fora de qualquer padrão restritivo, como o poema intitulado “Trinticuatro”:

Mi madre falava mui bien, yo intendía.  
 Fabi andá faser los deber, yo fasía.  
 Fabi traseme meio litro de leite, yo trasía  
 Desí pra doña Cora que amañá le pago, yo disía  
 Deya iso gurí i yo deiyava.  
 Mas mi maestra no intendía.  
 Mandava cartas en mi caderno  
 todo con rojo (igualito su cara) i asinava  
 imbaiyo.

Mas mi madre no intendía. [...]

Percebe-se, nesse exemplo, que o espaço fronteiriço é múltiplo, pois é o espaço do reverso, do igual que é oposto, como explicam palavras de Aldyr Garcia Schlee:

Vivia perplexo diante do Uruguai, não propriamente diante do mundo; mas, antes, diante daquele outro mundo: tão perto e tão longe, logo ali do outro lado da risca vermelha no cimento da ponte, muy cerca, cerquita, cercado (a risca vermelha no meio da ponte!)... Aquele outro mundo, separado e unido pelo rio: tão diferente e tão igual; tão distinto e tan distinto; tão distinguido e tan distinguido; tão esquisito e tan esquisito...

Nesse sentido — diferente de muitas ideias que, mesmo apresentando-se como integracionistas, propõem espaços “sem fronteiras” — que é importante valorizar e afirmar a fronteira, reconhecendo nela a riqueza das diferenças e da multiplicidade, pois ela é uma zona privilegiada para o encontro com o Outro. Assim, como espaço de confluência e de hibridação, onde se desvelam questões de alteridade, a fronteira gera movimentos que dispersam centralismos, homogeneidades e únicas verdades, revelando imagens especulares que são as mesmas, mas de maneira diferente. Entendida por sua referência simbólica e por seu caráter cultural, a fronteira transcende ao imaginário, pondo em evidência outras percepções geográficas. Impõe, então, revisões políticas, históricas, linguísticas, literárias e identitárias para mostrar outras dimensões de seu significado, indicando representações concomitantes do ser e não ser. :v

# BORGES NA FRONTEIRA BRASIL/URUGUAI

CARMEN MARIA SERRALTA

PROFESSORA E ESCRITORA

É como antiga e fiel leitora de Jorge Luis Borges que desejo assinalar alguns aspectos relevantes quando de sua passagem, verão de 1934, pelos campos da região Norte do Uruguai — espaço próximo e em parte contíguo à linha de fronteira com o Brasil — até desembocar na significativa visita a Santana do Livramento. O assunto é, pois, Borges — o homem e o escritor — na fronteira Brasil/Uruguai.

Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo nasceu em Buenos Aires na casa de seus avós maternos em um frio 24 de agosto de 1899 e faleceu ao amanhecer (na hora em que “a luz risca o ar”) do sábado 14 de junho de 1986 em Genebra — uma de suas, por ele assim chamadas, cidades. Borges está mundialmente consagrado como um dos maiores escritores do século XX, sendo já considerado um clássico da literatura ocidental, isto é, alguém que criou não somente uma obra, mas sim um universo — um sistema literário. Assim como o rei Midas da mitologia grega convertia tudo o que tocava em ouro (e aí se esgota a analogia, pois esse rei é o contrário de um criador), Borges transmudou toda sorte de criação humana (doutrinas religiosas, filosofia, cosmogonias, etc.) em literatura. Tudo, para ele, era passível de tornar-se matéria ficcional: do hinduísmo à cabala judaica; de certos dogmas do cristianismo à teologia; do budismo aos mitos clássicos, e assim por diante. O mundo, o universo, o próprio homem, em suma, a realidade toda lhe servia de pretexto — pré-texto — para a criação de seu próprio texto literário.

Borges foi contista, ensaísta, poeta e, a partir de 1946, em razão de um sério contratempo motivado por questões políticas, também foi conferencista. Não se pode esquecer, portanto, que existe um brilhante Borges oral, desdobrado em entrevistas, reportagens, diálogos e conversas. Ele foi o que se usa chamar, em francês, um grande *causeur*: alguém que fala bem e tem o gosto da conversação. Muitas dessas entrevistas e conversas — algumas nascidas para serem publicadas em livros — acrescentam valiosas informações à sua obra, ao seu pensamento e a aspectos de sua vida. Em geral, são opiniões expressas de modo informal e espontâneo, às vezes com respostas irônicas, sobretudo em matéria política (quando provocado por algum entrevistador inconveniente), embora ele soubesse que isso lhe iria custar violentas críticas. Do contrário, respondia de bom grado e simpatia a qualquer assunto perguntado, contanto que lhe interessasse.

Sob certo aspecto, acho até que na mera condição de leitora, mantenho-me bastante próxima do nosso autor, já que ele preferia se reconhecer em primeiríssimo lugar como leitor, depois como poeta e, por último, como escritor de narrativas. Lembro, a propósito, esta confissão sua em poema: “outros que se vangloriem dos livros que escreveram, eu, orgulhoso dos livros que li”. E ainda: “dediquei uma parte de minha vida às letras, e creio que uma forma de felicidade é a leitura; outra forma de felicidade menor é a poética, ou o que chamamos criação, que é uma mescla de esquecimento e de recordação do que lemos”.

Foi em Santana do Livramento que Borges viveu uma experiência nova e estranha e, sem dúvida, marcante — nessa cidade assistiu pela primeira e única vez à morte de um homem em um café, com dois

**“DA FAZENDA, RUMARAM  
ENTÃO ATÉ AS CIDADES  
GÊMEAS DE RIVERA E SANTANA  
DO LIVRAMENTO. BORGES  
COMENTA A PROXIMIDADE  
DAQUELES CAMPOS DE AMORIM  
COM A FRONTEIRA DO BRASIL  
NA QUAL NÃO SE DISTINGUEM  
OS LIMITES.”**

**“FOI EM SANTANA DO LIVRAMENTO QUE BORGES VIVEU UMA EXPERIÊNCIA NOVA E ESTRANHA E, SEM DÚVIDA, MARCANTE – NESSA CIDADE ASSISTIU PELA PRIMEIRA E ÚNICA VEZ À MORTE DE UM HOMEM EM UM CAFÉ, COM DOIS TIROS, À QUEIMA-ROUPA.”**

tiros, à queima-roupa. E para usar suas palavras: “lá vi matar a um homem perto de mim e esse fato me impressionou muito”. Interessa também, e muito, a viagem-travessia pelos campos do norte uruguaio (campos lindeiros e similares aos da campanha santanense) em razão das inesquecíveis impressões deixadas em sua pessoa e aludidas em alguns celebrados contos seus. Borges estava, na época em que viajou até a fronteira Rivera/Livramento, passando uma temporada de verão na casa de uma prima, Esther Haedo, na cidade de Salto, no Uruguai. Essa prima era casada com o escritor uruguaio Enrique Amorim. De lá, e sempre com Amorim, foi Borges até a estância do mesmo anfitrião, localizada no departamento (noção aproximada a de município) de Tacuarembó. Naquela região, Borges viveu “experiências inéditas oferecidas pela gauchada: violência cotidiana, um agressivo primitivismo anacrônico” (...), uma realidade, enfim, diferente da que conhecia. Aliás, como bem observou Rodriguez Monegal, ainda naquela data, o contato direto que Borges tivera com o mundo gauchesco restringia-se a uma ou outra visita feita na infância à pampa argentina próxima a Buenos Aires e à área campesina que circunda Montevidéu e Fray Bentos.

Da fazenda, rumaram então até as cidades gêmeas de Rivera e Santana do Livramento. Borges comenta a proximidade daqueles campos de Amorim com a fronteira do Brasil na qual não se distinguem os limites. Quanto às duas cidades mencionadas — singulares, indivisas física e naturalmente — e embora pertencendo a dois países distintos, não há acidente geográfico algum que indique uma separação. Essa particularidade foi destacada pelo próprio Borges: “Naqueles dias, a fronteira entre o Uruguai e o Brasil, perto do campo de Amorim, existia, salvo por alguns acidentes naturais, somente nos mapas. A cidade de Rivera se confundia com a brasileira de Santa Anna (sic) do Livramento”.

### **A fronteira como revelação**

Quando Jacques Leenhardt reflete sobre o conceito de fronteira, ele lembra a definição da palavra latina *limes* – daí limite – e explica que ela é menos uma linha do que um espaço. O *limes* (o limite) designa um intervalo, uma borda, uma margem sem apropriação, embora possuindo todos os valores políticos, simbólicos e religiosos que, segundo ele, a figura de Hermes da mitologia grega resume. Hermes é o deus protetor das fronteiras, da passagem, da mobilidade, dos acordos, também ladrão de rebanhos e o que está ao lado dos heróis. É ainda, entre outros, um embrulhador de pistas e guia dos viajantes. No mesmo ensaio, Leenhardt assinala a sutileza de Borges ao se referir à fronteira: “Quando Jorge Luis Borges tenta figurar a subversão de todos os lugares e de todas as linguagens inventando um universo desconhecido, Tlön, quando ele descreve esse universo paradoxal por meio de suas paisagens e de sua metafísica, ele diz do mensageiro pelo qual a cultura de Tlön foi conhecida uma só coisa: ‘ninguém sabia nada do mensageiro morto senão que vinha da fronteira.’” Acrescenta, o pensador francês, que a língua desse planeta não pensa o mundo através de substantivos (essências), mas por meio de verbos. Assim é a estrutura do universo de Tlön: ações sem suporte essencial. E Leenhardt volta ao seu conceito de fronteira, às bordas, às franjas sem apropriação para retomar a definição de *limes* como caminho entre dois territórios, não pertencendo nem a um nem a outro e sim aos dois. É esse o espaço da fronteira — espaços sem substância que dependem (para existir) de um fazer ancorado em uma cultura: pastagens de animais (ovelhas ou vacas) nos campos limítrofes. E conclui: “O *limes* é esse espaço utópico inteiramente definido por uma prática e não por uma lei”.

Não é difícil imaginar o Borges — enquanto percorria aqueles vastos campos de Tacuarembó — sentindo a presença física da fronteira próxima

**“NÃO É DIFÍCIL IMAGINAR O BORGES – ENQUANTO PERCORRIA AQUELES VASTOS CAMPOS DE TACUAREMBÓ – SENTINDO A PRESENÇA FÍSICA DA “FRONTEIRA PRÓXIMA E, AO MESMO TEMPO, ENRIQUECENDO-A DE MIL E UMA CONOTAÇÕES QUE PODERIAM SER SIMBOLIZADAS TAMBÉM NA EVOCAÇÃO DO MULTIFACETADO DEUS GREGO.”**

e, ao mesmo tempo, enriquecendo-a de mil e uma conotações que poderiam ser simbolizadas também na evocação do multifacetado deus grego. Este jovem deus, mensageiro de Zeus (o soberano dos deuses) é ainda apresentado como mestre das entradas e das técnicas de junção e de articulação. Quando o nosso ficcionista-viajante lá divisou uma vida campeira diferente — estranha e selvagem —, deixou-se seduzir pelo lugar. Vázquez relata o que ele lhe contou:

Seduziram-no o lugar; a fronteira, local de passagem para quem trafica ou foge; a vida que levavam os gaúchos (pronunciando a palavra à antiga maneira oriental quer dizer, à portuguesa) e as enchentes do rio Tacuarembó, que obrigava os passantes a aceitar a hospitalidade dos negociantes e dos donos de boliches (Vázquez, 1996, p.133).

Borges biográfico experimentou a vivência da fronteira não só na extensão da planície — horizontalmente vertiginosa — como nas coxilhas e também na cidade. E a partir dessa experiência vívida e vivida, transfigurou-a graças ao seu processo criativo em alguns contos magistrais. Neles, a realidade de fronteira — Brasil/Uruguai —, há de persistir aludida e refletida para sempre, ao menos enquanto existirem leitores de Borges, em criações que levam a marca do gênio.

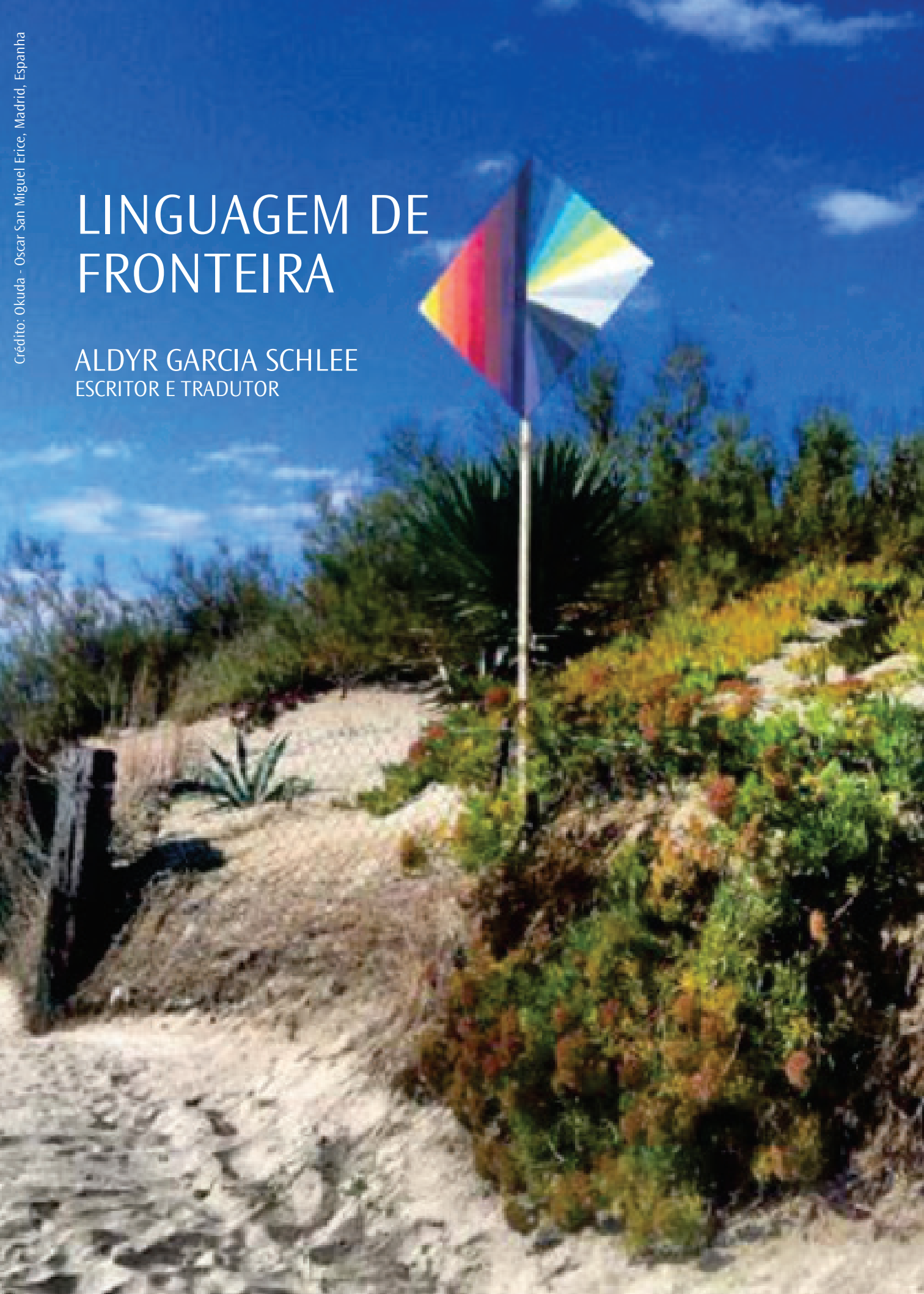
Desde aquele distante verão de 1934, a cidade de Rivera, como bem assinalou o escritor, segue se confundindo com a brasileira Santana do Livramento. A chamada linha divisória entre os dois países ainda continua sendo, no sentir dos habitantes fronteiriços, um limes — mais um espaço aberto do que uma linha de demarcação geopolítica de limites. E quanto aos costumes e usos do homem dessa região, entrevistados pelo poeta errante, tanto no campo (nos gaúchos desalinhados de barbas descuidadas) como na cidade (na morte violenta, despótica, impune do infeliz bêbado) —

muita coisa mudou.

O mundo do século XXI é definitivamente outro. Nós, definitivamente, outros. Mas a ideia de fronteira como potencializadora de significados permanece, assim ainda a vejo, tão inesgotável quanto no passado. Acho lícito pensar a fronteira como uma entidade mítica (essa, presumo, ser também a de Borges), tal qual a caatinga de Graciliano Ramos, o sertão de Guimarães Rosa e o pampa de Simões Lopes Neto. :v

# LINGUAGEM DE FRONTEIRA

ALDYR GARCIA SCHLEE  
ESCRITOR E TRADUTOR



Eu nasci jaguareense, do lado de cá do rio Jaguarão, na fronteira com o Uruguai; mas tenho sido chamado de escritor uruguaio porque alguns de meus livros, além de escritos em espanhol — como *El día en que el Papa fue a Melo* ou *Cuentos del fútbol* son muchísimo uruguayos — como também é um dos últimos que escrevi em português — *Os limites do impossível*, uma coletânea de contos gardelianos, comprovando ficcionalmente que Carlos Gardel nasceu em Tacuarembó, Uruguai, fruto de incesto e estupro.

Na verdade, sou um tipo que, nascido na fronteira comum brasileiro-uruguaia, já andou... andou... por aí; mas nunca pôde viver longe dali.

Eu vivo no Brasil; mais precisamente no Rio Grande do Sul; mais exatamente no sul do Rio Grande do Sul; mais estritamente no interior do município do Capão do Leão, a umas vinte léguas da linha divisória. Vivo, portanto, como nunca deixei de viver estivesse onde estivesse: vivo perto de Jaguarão e às voltas com o Uruguai.

Viver perto de Jaguarão e às voltas com o Uruguai, para mim, é mais do que viver: é deixar-me envolver pelo meu próprio mundo literário — o da fronteira comum do Brasil e do Uruguai, do lado de cá e do lado de lá do rio Jaguarão e da Lagoa Mirim: um território ficcional tipicamente fronteiriço, situado no plano de interseção de duas nacionalidades e de entrelaçamento de duas línguas, aparentemente dividido pelas mais variadas delimitações de ordem oficial e até linguísticas, mas transformado em espaço mítico, onde tenho encontrado oportunidade de inscrever meu processo de criação, depois de viver ali a grande lição da fronteira.

Ali temos bem viva uma autêntica cultura de fronteira. E somos parte dela!

Ali, quase imperceptivelmente, subvertem-se os conceitos de Estado, de nação, de povo, de herói e de bandido; e, especialmente, de região delimitada, na superação das ideologias do caráter nacional, através das quais sempre se pretende comprovar

nossas boas qualidades e se trata de demonstrar as más qualidades do outro — o estrangeiro, o rival, o inimigo.

Ali, o que se chamaria de identidade cultural, se dá como um processo de singularização muito característico, que supera o etnocentrismo e dá conta das diferenças.

Superar o etnocentrismo e dar conta das diferenças implica também em construir representações e promover identificações. Implica em elaborar hipóteses a priori sobre a identidade regional fronteiriça. Implica em elaborar mapas e modelos para esse nosso mundo comum ao longo da linha divisória, sobre uma terra só — o que não deixa de ser um esforço ficcional. Até porque a própria linha divisória, ao demarcar as fronteiras, é geralmente pura ficção.

Mas, antes, para melhor e mais claramente entender nossa muito particular e exclusiva forma de cultura comum sobre a fronteira, vale olhar para trás e relembrar que desde o período da colonização espanhola e portuguesa, nessa região, até os dias posteriores aos das emancipações nacionais, toda a zona fronteiriça entre o Uruguai e o Brasil foi palco de numerosos conflitos econômicos, sociais e culturais, não só determinados pelo próprio processo de dominação e resultantes dos vai e vens do precário equilíbrio conseguido nas relações entre Espanha e Portugal, como pelos reflexos das lutas internas e patriadas que agitaram a Banda Oriental e o Rio Grande no século 19.

Esses conflitos contribuíram para o surgimento, em toda a região, de uma sociedade local marcada por forte porosidade, forte permeabilidade cultural, devida em parte à dificuldade e à quase impossibilidade do estabelecimento de limites reais entre nós, entre nossas nações vizinhas.

Se em outras regiões do mundo as fronteiras são geralmente consideradas como as bordas bem definidas e permanentes de espaços territoriais próprios, com seus respectivos e muitas vezes exclusivos conteúdos sociais e culturais, capazes

**“ NESTA REGIÃO, A FRONTEIRA É MENOS O SIGNO DE UM TERRITÓRIO CIRCUNSCRITO E FECHADO SOBRE SI MESMO DO QUE UM ESPAÇO ABERTO E MÓVEL ONDE CADA UM SE PROJETA NO OUTRO. É UM LUGAR DE REENCONTRO, DE CIRCULAÇÃO E DE CONHECIMENTOS REPARTIDOS.”**

de englobar até mesmo grupos nacionais inteiros, aqui, em nossa fronteira — na fronteira entre nossos dois países, na fronteira da “comarca pampeana”, essa noção é, senão caduca, ao menos digna de uma revisão.

Vou abrir um parêntese, ao me referir a “comarca pampeana”, não só para esclarecer o significado da expressão como para sublinhar o nome e homenagear a memória de Ángel Rama, o extraordinário pensador uruguaio que a plasmou.

Ao considerar, num dado espaço histórico e geográfico, as tensões existentes entre nação e região e entre fronteira geopolítica e fronteira cultural, Ángel Rama percebeu que esse espaço tendia a se transformar em uma zona de compartilhamento cultural, numa zona de predominantes processos de identificação, na medida em que ambas as visões dicotômicas — a de nação/região e a de fronteira geopolítica/fronteira cultural — chegassem a ser neutralizadas ou relativizadas pela própria ação humana.

Foi assim que, ali na fronteira, em nossa fronteira pampeana, sobressaiu, por cima da linha divisória, nossa comarca pampeana. Tendo todos nós, ali, como protagonistas e testemunhas desta, digamos, sobressaliência.

Mas vamos entender melhor o assunto.

Nessa região — historicamente instável, que oscilava sempre entre o imperialismo português e o espanhol, que esteve de um lado entre blancos e colorados, de outro entre maragatos e pica-paus — a fronteira não chegou a se constituir exatamente como um elemento de construção simbólica, fundado sobre um discurso de pertencimento e estabelecido a partir de uma dicotomia entre um lado — o lado de cá, seguro, conhecido e nosso; e o lado de lá — um outro lugar, indefinido, estranho e dos outros.

Aqui, na comarca pampeana, onde se dilui na região a ideia de nação e onde a fronteira geopolítica se ofusca na fronteira cultural, o limite não é o limite. Não é o limite para nada: é, antes, um limite no sentido etimológico do termo (limes, limites — espaço — sendeiro entre dois campos); quer dizer:

um lugar de encontro e não de desencontro, um lugar a partir do qual se torna possível a relação com o outro.

Nesta região, a fronteira é menos o signo de um território circunscrito e fechado sobre si mesmo do que um espaço aberto e móvel onde cada um se projeta no outro. É um lugar de reencontro, de circulação e de conhecimentos repartidos.

Tudo isso porque este meu, este nosso espaço fronteiriço é identificável pela permanência de uma cultura periférica comum, dentro de limites nos quais os únicos balizadores foram, durante muito tempo (e ainda são, de certa maneira), os definidos linguística e culturalmente a partir de um velho e decadente processo de exploração da atividade rural, no qual se plasmou e sucumbiu a imagem do gaúcho — o da criação extensiva de gado no pampa.

Trata-se de um espaço fronteiriço unificado como região típica do gaúcho e da pecuária. Um mundo pampeano a respeito do qual o trato da identidade regional propõe questões como a do regionalismo, em geral, sob todos os seus aspectos; e o da literatura regional, em particular.

Mas, sobre isso tenho falado demais. De modo que também não vou falar da literatura gaúcha ou criolla e com ela tentar cruzar as fronteiras literárias, ultrapassar os limites territoriais e linguísticos, para lembrar os traços mais característicos com que tal literatura se desenvolveu no Prata — e com os quais se revelou e se impôs no âmbito das literaturas nacionais da Argentina e do Uruguai, repercutindo aqui no Rio Grande do Sul.

Vou ficar por aqui. Porque talvez seja melhor lembrar que nossa região da fronteira — que nossa comarca pampeana — foi, primeiro, como todo o pampa, a terra sem donos da abundância e do gado, o espaço aberto e livre trilhado por gaudérios e changadores, os bandidos coloniais que seriam a matriz inicial do homem pampeano — guacho — depois chamado gaucho, e gaúcho.

Com o tempo, essa região virou região de passagem, pátria original dos sem-pátria, desde os encontros entre portugueses e espanhóis até a saga

**“ESSE MUNDO, EU SEI, EU O CONSTRUI DESDE QUANDO ERA GURI E VIVIA EM JAGUARÃO TODAS AS MINHAS PERPLEXIDADES, ANTE O OUTRO LADO: O OUTRO LADO DO RIO, O OUTRO LADO DA PONTE, O OUTRO LADO DA LINHA DIVISÓRIA.”**

## “VIVO, PORTANTO, COMO NUNCA DEIXEI DE VIVER ESTIVESSE ONDE ESTIVESSE: VIVO PERTO DE JAGUARÃO E ÀS VOLTAS COM O URUGUAI.”

libertária artiguista, tanto antes como depois de o Uruguai tornar-se a República dos 33 orientales e o Brasil, o Império de D.Pedro I e da Província Cisplatina. Essa fronteira esteve acesa sempre e, dos dois lados, o homem fronteiriço precisou resistir e pelear, tanto contra o colonizador como contra o invasor e o sitiador — contra a dominação, a intervenção, o saque.

Plasmou-se assim, nesse espaço, a figura de seu tipo guerreiro e campeiro, o gaúcho, como herói de várias bandeiras. Um gaúcho que brigou, na fronteira, durante todo o século 19 — Uruguai e Brasil adentro — quase sempre sem saber bem por quê; e sem saber, afinal, quem era vencido ou quem era vencedor (exatamente como aconteceu aqui no Brasil, na Revolução Farroupilha, dos sul-rio-grandenses; e como aconteceu ali no Uruguai, na Guerra Grande, dos orientais).

Os campos foram repartidos pela caudilhagem. No Rio Grande, por farrapos e caramurus; no Uruguai, pelas divisas blanca e colorada. E, só na chegada do século XX, descobrimos que, além de divididos, na fronteira, tínhamos o nosso pedaço de pampa sul-rio-grandense e oriental igualmente dividido pelos alambrados que cercaram nossos campos — aqui e lá — e pelos arrozais, que reduziram o homem pampeano (o gaúcho), antes bandido, depois herói, à reconstrução de sua própria imagem como homem, cidadão e proletário (transformado quando muito em peão rural).

Já no início do século 20, o homem pobre do pampa, o proletário rural, o peão de estância não podia mais ser o gaúcho mitificado literariamente, já não podia ser mais o gaúcho ideal — bravo e valente, heroico e guerreiro, alegre e hospitaleiro, honrado e leal, macho e viril, livre e desprendido —, típica cria, no Rio Grande do Sul, do gauchismo próprio da retórica conservadora e correspondente à ideologia da classe dominante.

Mas ainda temos o gaúcho — independentemente de que aqui, no Rio Grande do Sul, tudo que seja sul-rio-grandense seja também chamado de gaúcho. Temos, ainda, esse homem campeiro — o gaúcho.

Ele, coitado, pode ser, sim, um gaúcho florido, calado e sim-senhor, de largo pala de lã, festivamente

pilchado do chapéu de copa baixa com abas curtas às botas de couro claro, com nazarenas; mas pode ser também um gaúcho só de bombacha, com camiseta de propaganda de uma arrozeira, boina e chinelo de dedo. Os dois estarão esperando; estarão parados em algum lugar, esperando. Um, ainda é habitante de letras musicais campeiras e depositário do vocabulário guasca, na falta de campo e cavalo; o outro, na falta de campo e cavalo, espera por tudo sem esperar nada. E nenhum dos dois tem pressa, eles não podem ter pressa.

Eles — estes dois — são, na realidade, tipos gaúchos; são simples imagens; são figuras recortadas ilustrativas da canonização e da exclusão; e bem assim têm se revelado também nessa máquina de canonizar e de excluir que é a instituição literária.

Contudo, o tipo social fronteiriço de carne e osso, personagem herdeiro da mitologia e da desesperança, acolhido pela literatura no seu espaço e no seu tempo, hoje baila ainda à sua maneira. E constrói e reconstrói o seu mundo na contramão, mas à vista do próprio domicílio, numa terra de todos e de ninguém.

É nessa terra literária — para fora, no interior — nos campos alambrados e ocupados, nos pueblitos pobres, nos arrabaldes das pequenas cidades campeiras; nas velhas fitas de cinema, nas letras inolvidáveis de tangos e boleros, nas camisetas desbotadas dos times rivais, nas bandeiras desfraldadas, nas figurinhas de coleção, nas audições radiais e no matear sob os plátanos que encontro esse tipo entre meus personagens — pois aqui também está centrado meu ilimitado e fronteiriço mundo ficcional.

Esse mundo, eu sei, eu o construí desde quando era guri e vivia em Jaguarão todas as minhas perplexidades, ante o outro lado: o outro lado do rio, o outro lado da Ponte, o outro lado da linha divisória. Enfim: diante de Río Branco, diante de uma outra gente, diante de uma outra língua, diante de um outro jeito de ser e de viver — que eram como os nossos, mas não eram.

Eu vivia perplexo diante do Uruguai, não propriamente diante do mundo; mas, antes, diante daquele outro mundo que era o meu mesmo mundo; tão perto e tão longe, logo ali do outro lado da risca

vermelha no cimento da ponte, muy cerca, cerquita, cerquinha, cercado (a risca vermelha no meio da ponte!)... Aquele outro mesmo mundo, separado e unido pelo rio: tão diferente e tão igual; tão distinto e tan distinto; tão distinguido e tan distinguido; tão esquisito e tan esquisito...

De todas minhas perplexidades diante do outro lado, várias se transformaram em surpresa e estupefação, muitas foram vencidas pela curiosidade e pelo conhecimento; mas a maioria delas vive comigo na forma e na ação de meus personagens. E são também a medida das semelhanças e diferenças que nos fazem ser uns e outros, outros e uns, na fronteira; até porque meus personagens só podem ser vistos, conhecidos e reconhecidos em seu próprio mundo ficcional — que também é meu, o meu mundo de perplexidades.

Daí que trago desse mundo, comigo, todos os meus personagens — que me acompanham onde esteja — e que, como eu próprio, têm dado permanente testemunho sobre identidade regional fronteiriça.

E ressalvo que o olhar com que os vejo e os proponho e os tenho comigo e em meus livros não é só meu, nem é tão meu como se poderia querer ou imaginar; pois é mais o olhar deles mesmos e, antes, daqueles que com eles compõem, no tempo e no espaço, o seu próprio universo de múltiplas identidades.

Este é o meu, o nosso mundo fronteiriço, de verdade e de mentira. Real e ficcional. Próprio da grande e única comarca pampeana.

Um mundo de dificuldades e contradições, de ilusões e de desesperanças, de prejuízos e preconceitos, em que se debatem todos no limite do possível, entre mínimas vitórias e desiguais alegrias. Um mundo de decadência e estagnação. Um território dividido e unificado, um dia, pelo rio; pela ponte sobre o rio; pela ferrovia sobre a ponte e — como lembro sempre — pelo inconfundível cheiro de vaca sobre tudo (o cheiro de vaca e de pasto cortado), o cheiro de vaca que vinha de tardezinha dos campos e que foi se dissipando e não sei se terá desaparecido dos entardeceres de Jaguarão e Río Branco.

O tempo, afinal, passou.

Mas não importa, porque o paradoxo do tempo reside no fato de que, no fundo, o passado nunca existiu no passado. Ou ele está aqui conosco, no presente ou não é passado. Ele é o tempo próprio desta nossa fronteira comum, que depende do destino humano,

das transformações e acontecimentos vividos nele. Não é o passado concreto que foi e desapareceu. Mas é o passado mítico que dura ainda em nós, como parte integrante de nosso presente. Que faz de nossa memória não uma tentativa de conservação e ressurreição do passado; mas uma forma criadora de inovação e transfiguração desse mesmo passado, no que ele tem de mais importante e singular.

Afinal, as coisas que acontecem na fronteira são tão simples e estão no dia a dia de todos nós, que não chegamos a perceber — na passagem do tempo — a sua importância e singularidade.

Aqui — e ali, do outro lado do rio — essas coisas acontecem a toda hora e sempre. E não as cito só porque são as que me ocorrem; mas porque são exemplares, a partir da fronteira, rompendo todos os limites.

*Son cosas ¿no?...*

E como acontecem essas coisas? Penso que acontecem numa magia sem truque, sem milagre e sem mistério, cuja graça está no inexplicável. Penso que acontecem, enfim, como acontece o inquietante revés das coisas, como acontece a alegre sobrevivência dos pobres, como acontece a fantástica revelação das forças elementares e dos ímpetos fisiológicos.

Na fronteira, esses ímpetos, essas forças elementares, os pobres sobreviventes, o outro lado das coisas sobressaem ainda num mundo comum que desconhece e borra qualquer limite. É tudo suficientemente comum e real para os exercícios dos recuerdos que brotam entre a memória e a imaginação. Pode-se passar da linha, cruzar a linha divisória sem se afastar do próprio chão. E ir descobrindo coisas, entre o familiar e o alheio, ao mesmo tempo. É estar-se no interior, no interior e ao mesmo tempo no exterior; é estar-se dentro e fora, até porque viver para fora, viver para fora aqui é viver no interior; e viver no interior, viver no interior é como estar... fora do Mundo!

Eu tenho dito e repetido demais que o que acontece na fronteira, sobre a linha divisória, é próprio de uma terra só, é como se fosse tudo uma terra só; e aqui, em nossa comarca, há só uma gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá. Não é preciso dizerem: qualquer um sente. Mas me contam; e é como se eu sentisse. :V

*(Trecho de texto produzido para um debate com o pensador francês Jean-Yves Mérien, realizado a 17 de novembro de 2013 na PUCRS, antecipando em pré-lançamento o Projeto Langage de Frontière/Frontières des Langanges, previsto para março de 2014, em Rennes e Paris.)*



The background is a complex abstract composition. It features a large, dark, irregular shape in the center, possibly representing a face or a mask, with a textured, pinkish-red area on its lower half. Surrounding this central form are various other shapes and colors: a bright yellow shape, a red shape, a blue shape, and a white shape. The overall effect is one of dynamic energy and visual complexity.

# A FRONTEIRA QUE HABITAMOS NA AMÉRICA LATINA

CÁTIA GOULART  
PROFESSORA DE LITERATURA  
NA UNIPAMPA

Nosso imaginário vem sendo profundamente afetado pelas transformações tecnológicas ocorridas a partir dos anos setenta, que cada vez mais integradas ao cotidiano têm mobilizado não só uma sensação de contração espaço-temporal, mas também a possibilidade de novas relações socioculturais. A simultaneidade de tempos e espaços com que o indivíduo, por meio das tecnologias, lida em um chamado “tempo real” revela-se na capacidade que temos em estabelecer um contato imediato e concomitante com culturas de diferentes comunidades, países, regiões e continentes, com distintas “tribos” ou com a própria e, inclusive, por uma instigação constante à fluidez entre a vida privada e pública.

Nas últimas décadas do século XX, o campo econômico, com o impulso do desenvolvimento tecnológico, promove uma replicação de grandes empresas e investimentos financeiros pelo mundo. E nesse caso, como aponta Milton Santos, o “tempo real também autoriza a usar o mesmo momento a partir de múltiplos lugares; e todos os lugares a partir de um só deles”. (2001) A fábula da “aldeia global” marcada por um pretense acesso amplo e ilimitado à comunicação, aos bens de consumo e pelo mito da convergência espaço-temporal, segundo Santos, atua fortemente na criação de um imaginário coletivo em torno da existência de uma cultura global.

No campo político, a formação de blocos econômicos ao mesmo tempo em que investe na potencialidade da transnacionalização da economia reage à globalização internacional do capital. Tal empreendimento está focado na dinamização da economia e no fortalecimento do poder político das regiões em uma dimensão transnacional. Por isso, os governos dos diferentes blocos, apesar de fundamentarem os seus discursos em vínculos de ordem geográficas, históricas e culturais de suas regiões, pouco atentam para a natureza heterogênea das culturas locais e para a potencialidade intercultural dessa nova realidade

que vem se instaurando.

Essa complexa (re) organização mundial tem suscitado a pensadores das mais diversas áreas e paradigmas conceituais à reflexão. Os debates desenvolvidos neste contexto desconstruem antigos conceitos, traçam novas hipóteses, fundamentam novas teorias, criam inovadoras fabulações, atuando no imaginário coletivo, tanto no âmbito da cultura como no político, econômico e epistemológico. No conjunto desse debate interessa-me a retomada, a abertura e o desdobramento da noção de “fronteira”, uma vez que as variações que vêm assumindo tal categoria nos permitem uma perspectiva hermenêutica renovada sobre as condições contemporâneas do viver.

O significado mais recorrente no imaginário cotidiano sobre o conceito de fronteira é baseado na noção de limite. Essa perspectiva está vinculada, especialmente, à construção do conceito de fronteira gerado em torno do Estado-nação. A elaboração dessa perspectiva de ordem política, econômica, epistemológica e simbólica, delineada no ocidente desde o século XVI é, sobretudo, concebida na institucionalização da nação, a partir da Europa Ocidental do século XVIII. Na transgressão das “comunidades imaginadas” por vínculos sagrados ou por disputas políticas e acordos matrimoniais, forja-se a concepção da nação moderna. A criação dessas novas “comunidades imaginadas”, como aponta Benedict Anderson (1983), implica em uma transformação nos modos de apreender, imaginar e representar o mundo.

Contudo, não foram apenas os conceitos de fronteiras naturais ou de fronteiras estratégicas, de cunho jurídico-político, que atuaram na criação das nações. A potencialidade discursiva da narrativa foi vital para alimentar os contornos internos, conformar o imaginário coletivo acerca da nação e de seus limites. Como também já nos chamou atenção Anderson, “o romance e o jornal foram duas estruturas básicas na criação imaginária da nação na Europa do século XVIII”.

**“CREIO QUE AS POTENCIALIDADES ABERTAS PELAS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS, ASSOCIADAS À DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE MÍDIA, PODEM CRIAR UM MEIO ALTERNATIVO PARA A CIRCULAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE DIFERENTES FORMAS DE PRODUÇÃO SIMBÓLICA.”**

## **66 TAL PERSPECTIVA POR SUA VEZ DESPRENDE-SE DA CONSTRUÇÃO DE OLHARES EPISTEMOLÓGICOS RENOVADOS SOBRE A CULTURA. SÃO AS FRONTEIRAS EPISTEMOLÓGICAS ALVO DE INTENSO DEBATE NESTAS ÚLTIMAS DÉCADAS.”**

Também na América Latina, ao longo do século XIX, momento em que se associavam os processos de primeira independência colonial e a formação das nações, esses gêneros narrativos jogaram um papel preponderante. Considerando aqui o papel da ficção, foram especialmente os romances históricos que construíram narrativas fundacionais da nação.

Naquele momento iniciava-se não só a construção de uma literatura, mas também de uma historiografia com vistas à articulação do nacional. E foi, sobretudo no romance histórico, que a realização desses dois projetos estabeleceu-se de forma mais evidente. Contudo, a identidade nacional foi gerada sobre profundas contradições. Por um lado, a afirmação da nação censurou a presença nativa e negra, relegando a formação heterogênea desse espaço político e simbólico. Por outro, a concepção de historicidade baseada na convenção de um processo contínuo que orientava o pensamento europeu, entrava em conflito com a história fragmentada em que se forjava a cultura na América Latina.

É especialmente na segunda metade do século XX que a narrativa ficcional latino-americana rompe com essa novelização da história da nação. A ficção retoma e amplia a busca de códigos mais expressivos de criação associando-os a um olhar reflexivo sobre as contradições da cultura na América Latina, que foram promovidas por diferentes discursos, inclusive o da própria literatura.

Mas para além desse desafio assumido por escritores, ensaístas e críticos da literatura, a heterogeneidade da cultura latino-americana só pode emergir na medida em que também outros modos de representação e, inclusive, uma “representación-otra”, como argumenta o semioticista Walter Mignolo, possam circular, independentemente do estabelecimento hierárquico de valores definidos por autoridades da cultural.

A crítica argentina Zulma Palermo chama atenção para a “ambivalência de la autoridad cultural”. Por um lado estão os discursos de um sistema hegemônico de valor que hierarquizam as produções simbólicas e delimitam sua circulação; por outro, uma heterogeneidade de práticas

culturais, que exigem um olhar crítico múltiplo.

Creio que as potencialidades abertas pelas transformações tecnológicas, associadas à democratização dos espaços de mídia, podem criar um meio alternativo para a circulação e divulgação de diferentes formas de produção simbólica. Fato que também tende a provocar o olhar e a renovação da crítica na contemporaneidade. A criação de um espaço outro, como o que vem sendo proposto pelo Fórum Mundial de Mídia Livre, contribuiria para dar maior visibilidade à diversidade estética e cultural da América Latina e possibilitaria fecundas relações interculturais tanto na região quanto com outras regiões culturais.

Tal perspectiva, por sua vez, desprende-se da construção de olhares epistemológicos renovados sobre a cultura. São as fronteiras epistemológicas alvo de intenso debate nestas últimas décadas.

A descoberta do outro e o reconhecimento da perspectiva hegemônica com que foi construída a denominada cultura ocidental, em todas as suas práticas discursivas, tem mobilizado a criação e revitalização de construções epistemológicas. O pós-modernismo (em suas variações pós-estruturalista, desconstrucionista, pós-marxista) debate-se produtivamente em torno dos saberes hegemônicos criados pela centralidade do pensamento europeu. Os pensadores pós-colonialistas (Estudos Subalternos, Estudos Culturais, Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos, etc.) requerem a abertura do lócus de enunciação para saberes produzidos por aqueles que viveram dominação colonial.

O reconhecimento de uma hermenêutica pluritópica e de *un pensamiento de frontera* é desenvolvida por Mignolo, no âmbito do grupo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade. Para os pensadores e ativistas culturais desse grupo latino-americano, uma epistemologia de fronteira só pode emergir daqueles que vivem a colonialidade que foi engendrada e naturalizada a partir da modernidade ocidental.


Retomando conceitos-chave do pensamento latino-americano, como *colonialidad del poder*, desenvolvido pelo peruano Aníbal Quijano,

**“NO CAMPO POLÍTICO, A FORMAÇÃO DE BLOCOS ECONÔMICOS AO MESMO TEMPO EM QUE INVESTE NA POTENCIALIDADE DA TRANSNACIONALIZAÇÃO DA ECONOMIA REAGE À GLOBALIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAPITAL.”**

transmodernidade, pelo argentino-mexicano Enrique Dussel, e das reflexões acerca de fronteira, desenvolvidas pela chicana Gloria Anzaldúa, o grupo empreende uma epistemologia de fronteira. Nesse caminho o grupo propõe uma descolonização do pensamento em todas as suas instâncias e aposta na força epistemológica das histórias locais da América Latina para pensar teorias que comecem a operar para além das localidades. Para Mignolo (2001) são epistemologias “otras” que viabilizam a diversidade do pensamento em um mundo globalizado e interdependente.

Assim a proposta de um “giro decolonial”, termo cunhado por Maldonado Torres (2005), expressa o empreendimento crítico de resistência à lógica dominante e requer a abertura ao diálogo e aos saberes múltiplos, desde uma posição geocultural latino-americanista. É essa fronteira que precisamos pensar e habitar, afinal um outro mundo é possível. :v





**AS VIVANDEIRAS: ELAS  
BRIGAM COMO BICHOS E  
MORREM POR AMOR**

LÉLIA ALMEIDA  
ESCRITORA

A representação de algumas mulheres da fronteira como personagens da literatura do sul se dá de maneira marcante e dramática. Longe de serem moças casadoiras e bem comportadas, sua característica principal é a da marginalidade e da exclusão. Exclusão em relação a uma norma patriarcal que dita um modo feminino de ser idealizado, e marginalidade em relação a uma sociedade que as nega como cidadãs e as rejeita. Tanto como personagens e como objeto de análise, estas mulheres não encontram espaço de reconhecimento e legitimidade.

As mulheres da fronteira, conhecidas, historicamente, como as que têm fogo nas ventas e usam faca na bota, são mulheres fortes, viris, que não se submetem e, são, mesmo assim, vítimas das mais diferentes situações de violência, exclusão e de muitos preconceitos. Diferentes das protegidas e bem cuidadas raparigas de família, esposas devotadas, mães virtuosas, virgens, solteironas e outras moças bem comportadas, são outros tipos de mulheres que perpassam o cenário da campanha na fronteira. A recorrência de determinados tipos parece querer fixar um perfil e um significado para estas figuras marginalizadas. Um sem-número de mulheres perdidas e sem paradeiro desfila ao longo do território da fronteira, esta verdadeira terra de ninguém, lugar de trocas inusitadas e onde, muitas vezes, na amplidão da paisagem, as mulheres têm seu espaço negado.

Personagens andarilhas dos confins fronteiriços e, na maior parte das vezes, motivo de perdição dos bravos homens do sul, estão as pobres, as renegadas, as desamparadas, as corajosas e furiosas mulheres da fronteira — as chinas, as negras, as índias, as curandeiras, as cativas e as prostitutas e as bravas vivandeiras.

A contar com os dicionários especializados no universo da gauchesca, as chinas existem e as vivandeiras não existem. É, na verdade, o texto literário quem, de maneira mais completa e eficaz, vai dar conta das definições destas personagens.

A descrição de uma decidida vivandeira, tratada de igual para igual na batalha sangrenta com os homens, aparece nas andanças de Luis María y Cuaró em *Nativa*, de Acevedo Díaz<sup>1</sup>:

(...) Ahí viene una china “carchadora”, más brava que una chinche... con un cuchillo mangorrero. No pudo el herido menos de estremecerse. La broma era sangrienta. En realidad una mujer color de cobre, desgreñada, obesa, con chiripá en vez de vestido y un sombrero de pajilla sucio y agujerado con barboquejo echado a la nuca, se aproximaba sigilosa, husmeando la presa desde lejos, con el instinto peculiar de la raza felina. Al observar de más cerca el traje del herido, sin preocuparse de la presencia de Esteban, a balanzase a saltos con los ojos de coatí febriles y lucientes. El negro que muy pronto reconoció en ella a una de las que arreaban las tropillas, al mismo tiempo que una de las que lo habían agraviado de palabra al incorporarse a la gente, - echó se la tercerola a la cara, si bien no tenía carga alguna, y grito simulando una furiosa ronquera: - ¡Alto ahí!...! Si es carpincho-hembra hago fuego, y si es comadreja con barriga, también la afusilo! La china se volvió por un flanco, con una mueca feroz, y huyó, llamando a otras compañeras que por los contornos vagaban. (p. 191)

O escritor uruguaio Javier de Viana escreve *Gaucha*<sup>2</sup>, em 1899, e conta a terrível história de Joana e seu trágico destino, e, ao descrever a história da origem de Lúcio, filho de Valle com uma das irmãs que o acolhe, descreve Martina e Jacinta, duas chinas destemidas que viviam sozinhas na vastidão do pampa, da seguinte maneira:

(...) Las dos mujeres, bravas y familiarizadas com el peligro, nunca habían sentido miedo, jamás habían pensado que podían despertar lós apetitos de algùn desalmado. Y aun cuando así fuese, ¿no pertenecían ellas a aquella raza indomable en que las hembras acompañaban a los hombres em la guerra y se batían a su lado y con igual ardor? Las Sinforas, las Catas y las Jacintas abundaban en aquella tierra de lós Ismaeles y Cuarós (...) Ellas conocían todos los secretos de la selva, y por más baqueanos que fuesen los matrones, pronto sabrían descubrirlos. (p.33)

A aproximação da figura das vivandeiras com as das donzelas-guerreiras não é incorreta, mas não termina por abarcar a riqueza e complexidade

1 ACEVEDO DÍAZ, Eduardo. *Nativa*. In: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12715400880163731865846/index.htm>

2 VIANA, Javier de. *Gaucha*. Montevideo: Ediciones Tauro, s/f.

das nossas vivandeiras, já que um dos atributos básicos da donzela-guerreira e que faz parte do significado do arquétipo é a virgindade e o destino fatal de oferecer sua vida em sacrifício no campo de batalha. Tal não é o perfil das vivandeiras. Elas são mulheres guerreiras, amantes, mães de muitos filhos, todos nascidos ao longo das intermináveis marchas, e que cresciam, filhos de muitos homens, durante o tempo que duravam as guerras e que tinham, como elas, seus destinos ligados, de forma inexorável, à realidade das batalhas e massacres.

São alegres e debochadas, furiosas, amantes despudoradas, valentes guerreiras, fizeram parte das Guerras Platinas, da Revolução Farroupilha, e de forma expressiva na Campanha do Paraguai.

Em *Ismael*, de Acevedo Díaz<sup>3</sup> estas mulheres são descritas da seguinte maneira:

(...) hembras de un valor nada común (p.192), eran sencillamente rudos dragones, hábiles en el manejo del caballo y de la lanza o del sable, vestidas de hombre, y capaces de ejecutaren las horas de prueba los mismos actos de un esforzado varón (p.192) tenían ellas el capricho de darse a los que más habían sobresalido em el combate, sin distinción de clases, porque poseían la pasión del valor. Eran como la zanga, la cascarela, el cinquillo y el renegado de un cuatrillo heroico (p.192)

Estas mulheres da fronteira, quase sempre de classes populares, que não atendem à etiqueta de uma feminilidade que as mantém cativas, são masculinizadas; na maior parte das vezes, sua força e capacidade de luta para a sobrevivência num mundo onde não há lugar para elas, faz com que elas sejam vistas como viris, animalizadas, furiosas. Mas elas são isto e muito mais, como bem nos demonstra o texto literário. São também divertidas e arruaceiras, desafiadoras, debochadas e engraçadas, são pobres, miseráveis, e não perdem o sentido de humor jamais.

Dar visibilidade a estas personagens, imersas numa multidão de outras mulheres pobres e marginais, guerreiras e furiosas, chinas, índias, negras, cativas e curandeiras, habitantes soberanas da fronteira e da nossa paisagem, é começar a contar a nossa história de outra maneira.

Um universo de personagens femininas se descortina num território adverso e inóspito para as mulheres, seja o da literatura de autoria masculina, o da historiografia oficial ou da própria crítica literária que as ignora como cidadãs e as exclui sistematicamente, deixando assim de iluminar seus espaços escondidos, indignos e muitas vezes miseráveis. Ainda assim, como personagens grandiosas e inesquecíveis, elas se impõem.

Particularmente gosto de pensar na existência de uma linhagem de mulheres da fronteira, sabidamente com fogo nas ventas, que não levam desaforo pra casa, familiarizadas com todo tipo de perigos, e, ao mesmo tempo, fogosas e divertidas, desaforadas e despudoradas, que acompanham seus homens na guerra, em todas elas, e que não se entregam. Muito particularmente, muito além de todos os estereótipos reducionistas, gosto de pensar que fazemos parte da estirpe das Catas e Jacintas, das Sinforosas e das Ciriacas, capazes de brigar até morrer e também de morrer por amor. :v

3 ACEVEDO DÍAZ, Eduardo. *Ismael*. In: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04707390800236328632268/index.htm>

# CANTAR NO DESERTO

CRISTINA PERI ROSSI

O fato de ela cantar no deserto não deveria espantar ninguém, pois muitas pessoas já fizeram isso desde os primórdios dos tempos, quando tudo era areia (inclusive o céu) e os oceanos estavam gelados.

Sabemos que cantaram no deserto, mas não os ouvimos e, por isso, até certo ponto, poderíamos dizer que cantaram para si mesmos, embora esse não fosse, em princípio, o destino de seu canto.

Por não tê-los ouvido, também poderíamos duvidar de que efetivamente tenham cantado; no entanto, estamos certos de que suas vozes se elevam ou se elevaram por cima das areias do deserto com esse tipo de certeza que nos permite afirmar que a Terra é redonda sem termos visto sua forma, ou que gira em torno do Sol, sem que, de fato, percebamos que nos movemos. É a espécie de convicção que nos faz supor que já cantaram no deserto apesar de não tê-los ouvido. Por ser o canto uma das aptidões das pessoas e porque existem os desertos.

Ela canta à meia voz. As areias são brancas, e o céu, amarelo. Está sentada num cômodo, a pouca altura, com os olhos fechados, e a poeira cobre seu pescoço, os cílios, os lábios pelos que escapa um fio de voz como um licor sobre a terra ressecada. Canta sem que ninguém a ouça, apesar do que temos certeza de que canta, ou de que já cantou um dia.

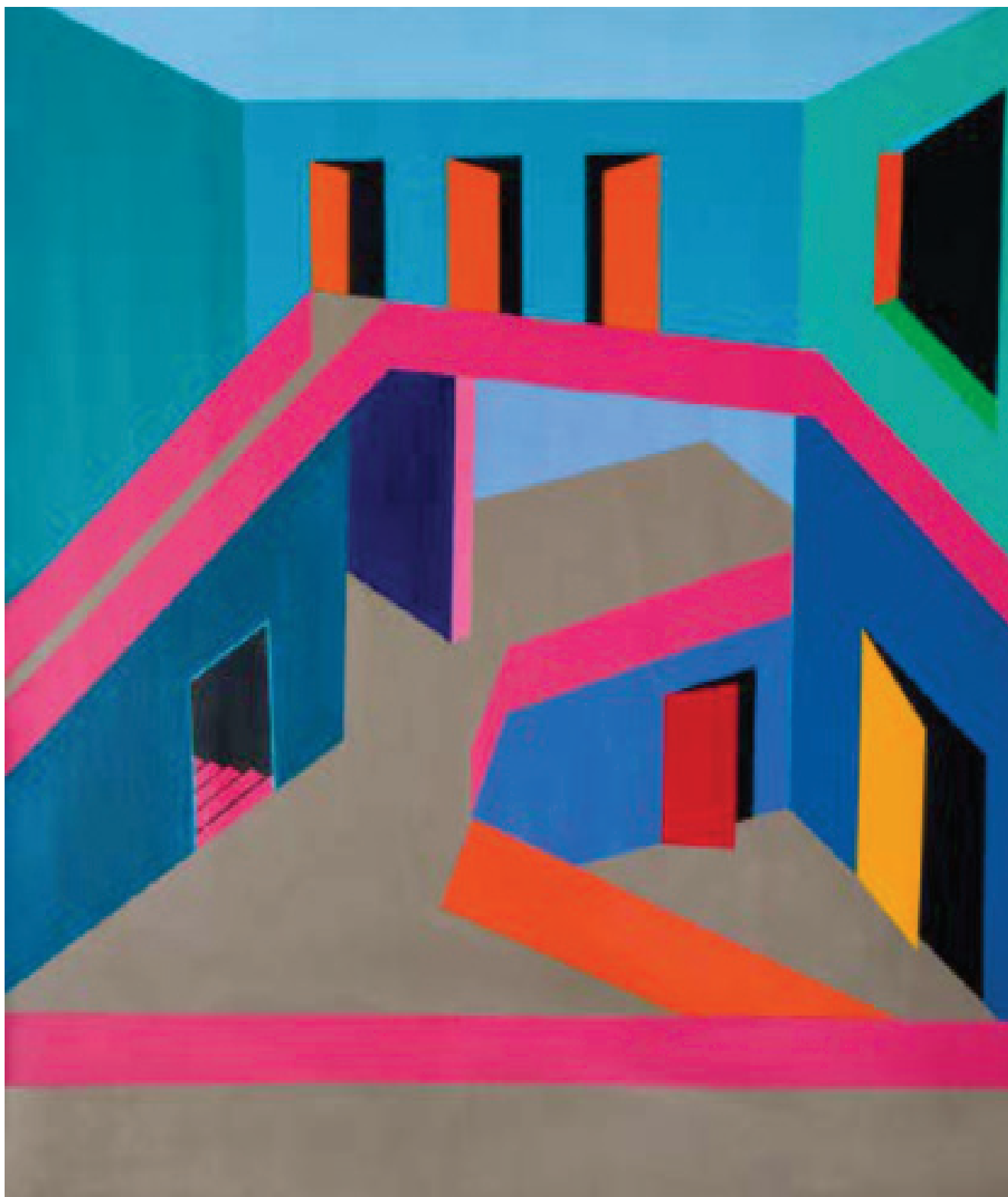
Deserto, o fio de sua voz se perde quase na hora no espaço amarelo em torno dela, sem vibrações. E o Sol, que suga com voracidade as poucas gotas de água de um lago próximo, bebe todas as notas de seu canto com furor. Nem por isso ela deixa de cantar, e nem eleva a voz: continua cantando em meio às areias brancas, às pirâmides de sal que se elevam como templos de uma divindade cega e obtusa. As areias, que já devoraram mais de um camelo e seu ginete, ocultam as notas de seu canto. Mas, no dia seguinte (ou na noite seguinte, porque, ainda que nós não ouçamos seu canto, podemos supor que também canta sob o céu escuro, na solidão do deserto), ela volta a elevar a voz. Tão insistentemente não espanta ninguém, pois ela parece intrínseca ao canto e, às vezes, intrínseca ao deserto. Ao ponto de que não seria difícil imaginarmos um deserto

sem uma mulher parada sobre um cômodo, cantando, sem ser ouvida.

A natureza do canto nós desconhecemos, mesmo estando persuadidos de que o canto existe. Quando ela desce para a cidade (porque nem sempre está no deserto: às vezes, compartilha a vida de nossas cidades e executa os atos convencionais que vimos repetindo desde que nascemos), nós a aceitamos como mais uma moradora, porque, na verdade, nada a distingue de nós mesmos, exceto o fato de ela cantar no deserto: algo que podemos esquecer, já que ninguém a ouve. Quando ela volta a desaparecer, supomos que voltou para o deserto e que, no meio das areias brancas e o céu como um oceano, ela alça a voz, eleva seu canto, que, como uma gota de água caída do espaço, o cômodo engole. ❖

A escritora uruguaia Cristina Peri Rossi nasceu em Montevideu em 1941. Deixou o Uruguai por motivos políticos em 1972 e exilou-se em Barcelona. Lutou contra a repressão no Uruguai e foi perseguida pela ditadura franquista, tendo de exilar-se novamente, em Paris, em 1974. No final desse ano, regressou à Espanha, onde reside até hoje. A sua obra transita por todos os gêneros: poesia, conto, romance e ensaio e já foi traduzida para quinze línguas. É conhecida também por apoiar causas feministas e os direitos dos homossexuais. Publicou onze livros de contos, cinco romances, seis livros de poemas e três volumes de ensaios. Traduziu Clarice Lispector e Graciliano Ramos, entre outros. A sua obra ainda está inédita no idioma português.

Tradução: Adriana Carina Camacho Álvarez



Crédito: Adriana Conti Melo

# DENSIDADES E AFETOS EM *O AMANTE ALEMÃO*

MONIQUE REVILLION  
JORNALISTA E ESCRITORA

Lançado em julho de 2013, após ter sido selecionado para publicação pelo conselho editorial do IEL, o romance *O amante alemão* recebeu o prêmio Açorianos de Literatura neste mesmo ano, na categoria narrativa longa. E o livro, pelo seu vigor, pela sua engenhosidade, esbanja virtudes para uma trajetória ainda muito mais exitosa. Através de uma narrativa folhetinesca, ora apresentando características de um romance de costumes, ora jogando luz sobre a densa interioridade das vidas ali retratadas, a obra apresenta uma rica composição. Nela, o leitor é conduzido, simultaneamente, pelos meandros dos usos e costumes da comunidade fictícia de Santaluz, e ao turbilhão de sentimentos das personagens, especialmente de Duzília e Brigitta, que formam, juntamente com Johan Hermann, os vértices de um triângulo amoroso incomum. Há, portanto, muitas formas de se ler *O amante alemão*, diferentes camadas ou abordagens a explorar, tornando ainda mais prazerosa a tarefa do leitor de dar conta de sua inteireza.

A trama se desenvolve em uma cidade localizada no extremo sul do Brasil, de colonização alemã, e cujo desenvolvimento se deve ao papel de polo da indústria fumageira, em uma comunidade marcada por tensões sociais, de costumes, e por uma onda de suicídios por enforcamento entre trabalhadores rurais, causada pelo efeito dos agrotóxicos nas plantações do tabaco. Sobre este cenário, e nunca indiferentes às suas causas e efeitos, transitam as personagens envolvidas em suas motivações e atravessadas por esta realidade de fundo que, não apenas como moldura, mas como rede, tensiona ou alonga suas possibilidades de ação. Entre os muitos conflitos coletivos em jogo, muito bem revelados em pinceladas impressionistas na caracterização de valores e dinâmicas sociais, econômicas e culturais, ferve um caldeirão de emoções, também elas permeadas pelo tempo e espaço em que eclodem. Um dos pontos altos do romance é exatamente

este hábil entrelaçamento entre o individual e o coletivo, entre identidade e alteridade, entre o dentro e o fora, sempre a partir de uma visão de mundo onde transparece, ao mesmo tempo, fina ironia e generosa acolhida.

Lélia Almeida exhibe pleno domínio narrativo nesta costura, e é transparente em sua opção de privilegiar o discurso das mulheres, em dar voz ao feminino, em refletir sobre a situação em que se encontram e as escolhas feitas por elas. Sobre este posicionamento, já afirmou que é esta sua escolha como escritora, “a que questiona sobre a maneira como a nossa sociedade cria uma cultura de amor romântico para a vida das mulheres, um amor que supõe sempre o cuidado com outro, para o outro, em nome da negação negligente do cuidado mais importante para a vida de todos e das mulheres, em especial, que é o autocuidado e, portanto, o amor próprio.” Pesquisadora da literatura produzida por mulheres na América Latina, Lélia tem se dedicado, entre outros temas, ao estudo das genealogias femininas.

Em um contexto onde, historicamente, foi negado às mulheres um papel de protagonismo, o estudo das genealogias femininas busca resguardar a identidade e a potência do feminino, e tem como uma de suas formas de representação a leitura que as escritoras e estudiosas fazem, como leitoras, da obra de outras mulheres, em um movimento genealógico fundamental para a criação de uma linhagem, de uma história literária em que as mulheres asseguram a legitimidade de seu espaço e de sua expressão. Dentro desta ideia de cumplicidade e legado, não por acaso as personagens Duzília e Brigitta, rivais em uma concepção tradicional da triangulação amorosa em que se envolvem, tornam-se forças quase complementares, representando diferentes aspectos do feminino, em movimentos de atração e repulsão, mulheres que, atavicamente, se compreendem, e se confundem ao final.

“LÉLIA ALMEIDA EXIBE PLENO DOMÍNIO NARRATIVO NESTA COSTURA, E É TRANSPARENTE EM SUA OPÇÃO DE PRIVILEGIAR O DISCURSO DAS MULHERES, EM DAR VOZ AO FEMININO, EM REFLETIR SOBRE A SITUAÇÃO EM QUE SE ENCONTRAM E AS ESCOLHAS FEITAS POR ELAS.”

Em sua literatura, Lélia imprime a força de paixões autênticas, e esta verdade transparece na potência das imagens, da linguagem, na presunção de que afetos moldam condutas e atitudes que serão sempre políticas. A partir desta impossibilidade de inocência, de negação do aparente conforto da neutralidade, temos uma narrativa que não apazigua, ao contrário, inquieta, desacomoda, e convida o leitor a também assumir posições. Autora de novelas (*Antônia*, *Senhora Sant’Ana* e *Querido Arthur*), antologias de crônicas,

ensaios e esquetes, Lélia Almeida demonstra, com este romance, uma refinada maturidade estética e seguro domínio no uso de seus recursos como ficcionista. O resultado desta trajetória é um livro encantador, contundente, indispensável, que já conquista um destacado e merecido espaço no cenário literário nacional. ✪V



“Ela estava materializada na minha frente, agora, estava ao meu lado, eu com a cabeça quase próxima da dela, nós duas unidas por aquele travesseiro de tecido xadrezinho construído com o seu amor eficiente de abelha industriosa.

A mulher deitada ao meu lado é uma mulher clara, de olhos claros e cabelos revoltos e mais escuros que os dele, na verdade uma mulher magra, de compleição miúda mas de seios generosos.

Um susto eu levei ao vê-la ali tão próxima, e um cheiro de colônia de alfazema exalava de seu corpo. Seu corpo era muito diferente do meu, que é amplo e gordo. Eu quase podia abraçá-la agora, quase podia envolvê-la. Ela quase cabia dentro de mim, do meu colo, dos meus braços roliços, se ela pudesse ver o que eu via, veria que eu, deitada assim de lado, podia enlaçar os dois, mesclá-los nas minhas carnes fartas, e podia acarinhá-los como uma grande mãe primeva. E que podia embalá-los num sonho de meninos perdidos, e o meu cheiro, diferente do dela, era agora almiscarado e enjoativo depois do amor.

Ela estava ali, finalmente, seus olhos eram azuis como os dele, pareciam irmãos, me ocorreu, irmãos que se amam, mas que não se desejam mais. E eu, enorme e muito antiga, num ritual amoroso, me enlaço no corpo dele, onde me perco com fúria e paixão, e acarinho o corpo dela, como uma filha, como uma irmã, eu sou como uma mãe perversa e sábia, como são todas as mães mitológicas. E que tem de iniciá-la no ritual.”

MAURO PAZ

# MINHA MÃE, FLORENCE THOMPSON

Os dedos de mamãe emaranhavam nos cabelos vermelhos de minha irmã. A picape sacolejava pela rua de calçamento. Sentada sobre o estepe, mamãe abraçava Kelly e eu. Era janeiro de trinta e seis. Os anos passaram rápido depois que o pai morreu. Talvez por urgência de a crise acabar ou por pressa de chegarmos a Los Angeles. Seis anos durou a viagem de Indiana à Califórnia. E, finalmente, encontraríamos Flynn O'Donnell.

A picape parou. O motorista deu dois tapinhas na porta. Mamãe saltou da caçamba. Pegou Kelly, a mala e eu. Florence Thompson foi a mulher mais forte que conheci. Não digo isso por ser minha mãe. É que a miséria talhou-lhe músculos ásperos, curtidos pelo sangue cherokee que lhe avermelhava o rosto. As sobrancelhas baixas e o cabelo preto emolduravam a pele riscada por areia e suor. Tinha gestos retos, graves, como o aperto de mão que ofereceu ao motorista na despedida.

Mamãe sacou o papel do bolso. Estávamos no endereço certo. Duas filas de palmeiras enquadravam a fachada branca com janelas verdes. Na varanda, móveis de chá. A campanha deu três badalos. Calças de veludo, suéter xadrez, bigode branco e a notícia de que nenhum Flynn O'Donnell morava ali.

— O próprio O'Donnell escreveu o endereço pra mim — disse mamãe.

O senhor morava há vinte anos na casa e, em toda vizinhança, nunca escutara o nome Flynn O'Donnell. Mamãe insistiu, deveria estar enganado. Podemos esclarecer com a polícia caso a senhora não saia com esses dois ranhentos do meu jardim, disse o senhor, antes de bater a porta. Mamãe guardou o papel no bolso. Pegou Kelly pela mão, juntou a mala. Na esquina, um irlandês passeava

com o cachorro. Coçou a barba ao nos ver passar e resmungou algo como: malditos retirantes. Florence Thompson era forte. Não sentia o mesmo frio que passava pelo furo dos meus sapatos largos, ganhos no albergue de San Diego. Não sentia a mesma fome que Kelly e eu, ao passar mais de vinte e quatro horas sem comer. Não sentia vergonha por ser viúva, pobre e sem lar. Entre vinte e nove e trinta e seis, muitas mulheres na mesma situação de Florence Thompson se mataram. Ela prosseguiu.

— Boa tarde. O senhor conhece algum Flynn O'Donnell pela vizinhança?

O jornalista não conhecia ninguém com aquele nome. Tirou o chapéu. Feridas cobriam-lhe a careca. Elogiou o azul dos olhos de Kelly. Perguntou de onde vínhamos. Mamãe contou a trajetória de seis anos com cinco palavras:

— Saímos de Indiana em trinta.

O jornalista disse que precisava de ajuda nas tarefas do lar. Morava sozinho, iria bem alguém que organizasse a bagunça. No entanto, só havia lugar para Kelly. Ofereceu algumas balas de menta. Mamãe pegou. Saímos os três em silêncio. Kelly era a preferida de Florence Thompson. Talvez pela condição de mulher, mais nova, frágil. O fato é que Kelly, desde o nascimento, sempre ganhou mais atenção. Nas noites de inverno, dormíamos juntos os três. Mamãe, de costas pra mim, abraçava Kelly e a aquecia esfregando os cotovelos. Eu virava pra parede e sentia o calor das minhas costas contra as de mamãe. Ruiva e de olhos azuis, Kelly tinha nenhuma semelhança com o pai. Mas, até aquele janeiro, acreditei que representasse, pra mamãe, as últimas recordações de Cleo Thompson. Dias depois do nascimento de Kelly, em vinte nove, o pai se matou. Lembro apenas das mãos grandes,

“ A PICAPE PAROU. O MOTORISTA DEU DOIS TAPINHAS NA PORTA. MAMÃE SALTOU DA CAÇAMBA. PEGOU KELLY, A MALA E EU. FLORENCE THOMPSON FOI A MULHER MAIS FORTE QUE CONHECI.”

dos cabelos escuros e da barba a roçar-me o rosto. Era feliz, até a demissão. Deu a notícia no jantar. Esperou dormirmos. Uma corda, a maçaneta do banheiro e um banco mocho. Os detalhes, mamãe quem contou. As lembranças mais nítidas que guardo são do tempo da viagem. O nome de Flynn O'Donnell nos acompanhava por todas as cidades. A cada almoço não almoçado, mamãe evocava o nome do irlandês. Previa o dia que faríamos três refeições.

Chegamos ao distrito policial. A recepção vazia. No banco de espera, uma senhora de cabelos brancos e olho direito roxo trazia sobre o colo a bolsa de feira rasgada. Ao lado, o homem algemado, vestia um terno puído, exalava álcool. Olhou pra mim, pra Kelly e sacudiu a língua. Mamãe puxou nossos braços. Durante a crise, era comum pessoas de bem se envolverem em saques, pequenos roubos ou outras transações ilícitas. Ocorrências e suspeitos não paravam de chegar. Fomos atendidos no fim da tarde. Mamãe contou ao oficial que procurava por uma pessoa, Flynn O'Donnell. O oficial lamentou o tempo esperado, o arquivista fora deslocado para uma campanha. Sugeriu que voltássemos no dia seguinte. Três quadras dali, havia um albergue que nos receberia.

A fila dobrava a quadra. Idosos, crianças, famílias inteiras. O prédio ocupava o quarteirão. Três andares. Janelas altas, largas, repartidas em quatro. As paredes descascadas. Na porta entreaberta, o assistente social anotava os nomes e autorizava a entrada. Depois do lance de escada, cinco fileiras de oito camas. Ficamos com uma. No leito ao lado, o homem pigarreava. O cobertor cobria todo o senhor de cabelos compridos, só os sapatos de fora. Dormir de sapatos era a única forma de não serem roubados. Muitos, também, abraçavam malas e sacolas. No jantar, sopa de batatas. Raspei o prato de alumínio. A iluminação precária desenhava vultos empoleirados sobre as camas. Ora comiam, ora coçavam as cabeças. Às vinte e uma horas, desligaram as luzes. Deitamos. Mamãe abraçava Kelly, eu olhava a parede. Os sussurros cessaram um a um. O vento assobiava

no vidro quebrado. Florence Thompson era forte, mas naquela noite a escutei chorar. Não chorava como eu quando quebrei o braço ao despencar da carroça que nos tirou de Indiana. Não chorava como Kelly, quando o seio secou e foi obrigada a conviver com a fome. Florence Thompson chorava por seis anos ou mais. Chorava por ela, por Kelly, por mim, pelo pai e por Flynn O'Donnell. Chorava com o vento. E o vento chorava nela. Frio. Úmido. O choro de mamãe era fim de caminho. O choro de mamãe era a América sem lar que vagava como o choro de mil mães pelo meu peito. O choro de mamãe era a madrugada toda.

Despertei só. Às dez horas Florence Thompson apareceu, forte, sem Kelly, sem palavras e com a mala pronta para voltarmos a Indiana. Jamais escutei novamente o nome do irlandês e da minha irmã de cabelos vermelhos. :V

“NA PORTA ENTREABERTA, O ASSISTENTE SOCIAL ANOTAVA OS NOMES E AUTORIZAVA A ENTRADA. DEPOIS DO LANCE DE ESCADA, CINCO FILEIRAS DE OITO CAMAS. FICAMOS COM UMA. NO LEITO AO LADO, O HOMEM PIGARREAVA.”

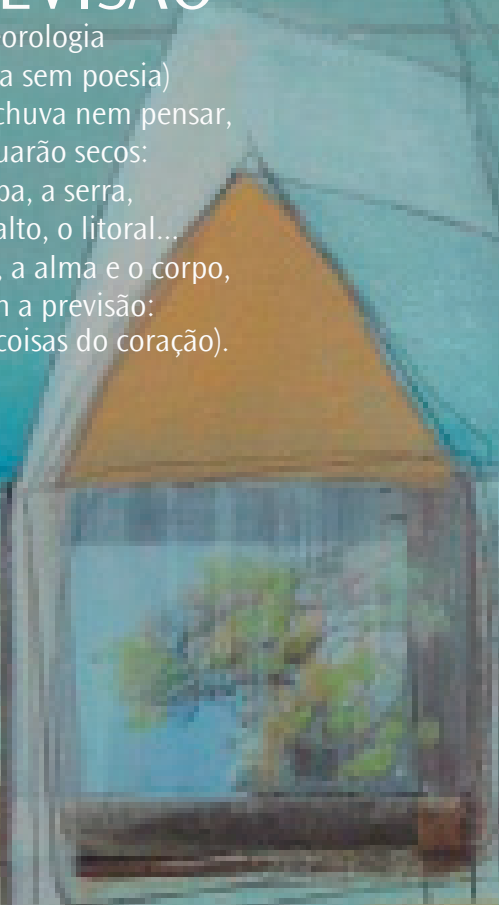
HAYDÉE S. HOSTIN LIMA

## NOS OLHOS

Nos olhos  
nos grandes olhos  
que me perseguem  
há um lago brando  
refletindo a lua...  
...e eu solene  
a invadir jardins  
rompo sementes  
grilos e poemas  
até chegar  
ao teu olhar moreno  
campo minado  
de luzes e açucenas.

## PREVISÃO

A meteorologia  
(palavra sem poesia)  
avisa: chuva nem pensar,  
continuarão secos:  
o pampa, a serra,  
o planalto, o litoral...  
a boca, a alma e o corpo,  
seguem a previsão:  
secos (coisas do coração).



O

**:DO LIVRO**

*PALAVRA ENGUIÇOU* (poesia - IEL/Corag)

JÚLIO ALVES

palavra  
aqui pousou  
fez ninho  
arrumou par  
multiplicou  
saltou de linha  
voou com a sintaxe  
desfez-se do parágrafo  
brincou na rima  
bem abusada  
quebrou, vírgula,  
quando a folha viu,  
já tinha sido, maculada  
palavra, virada,  
poesia

querida tire  
volta e meia  
dedo da ferida  
senão dor  
acostuma

# Sexta-feira Santa

Luiz Paulo Faccioli

*Dias iguais, avareza de Deus*

Chico Buarque

Quantos dias nesse marasmo, nesse tédio. Há quanto sem ter uma história, sem pôr uma linha num texto. Venho pensando e repensando inutilidades quase num torpor, já quase desesperançado de alcançar um simples bom verso que seja. O escritor tem de escrever sempre, a qualquer custo. O jejum perpetua a incapacidade. Por isso forço, me esforço, mas não saio do lugar.

Há pouco tocaram a campainha. Ninguém nunca vem aqui, não tinha a menor ideia de quem pudesse querer me encontrar. Interrompi o nada que eu fazia e fui atender. Vi pelo olho mágico uma menina gordinha, sorridente, empunhando alguma coisa parecida com um cestinho de flores miúdas. Atrás dela, um homem corpulento, careca, de semblante tão fechado que me lembrou um buldogue inglês. A lente do olho mágico distorcia a imagem, assemelhando-a a uma fotografia em sépia, antiga, redonda, desbotada. A carranca do homem contrastava com o sorriso da criança e metia medo. Estranhei a irresponsabilidade do porteiro ao permitir o acesso daquela gente.

Sem abrir a porta, perguntei o que desejavam.

Macela, tio, gritou a menina.

Não, obrigado.

Mal respondi, o lampejo: não estamos na Semana Santa, época em que as crianças batem nas casas para vender macela.

Só um raminho, tio, pra me ajudar.

Somos do bem, moço, pode abrir, era a voz do homem, como que adivinhando o motivo da minha hesitação.

Por favor, tio, estou com fome, ainda não comi hoje, a menina chorava o recurso extremo do pedinte ao se defrontar com um coração empedrado.

Olhei para o relógio, quatro da tarde. A mesa de refeições, posta desde ontem pela senhora da limpeza, me fez lembrar o almoço intacto na geladeira. Espiei mais uma vez pelo olho mágico. Continuavam ali plantados. A menina me pareceu ainda mais saudável, destoante do retrato que eu sempre fiz de um ser faminto. O homem apoiava as manoplas nos ombros dela e agora esforçava-se para abrir também ele um sorriso.

Não conseguia me decidir. Tinha medo, sim, pela circunstância estranha que trazia aqueles dois à minha porta. Também remorso, pois negava um almoço intocado a quem sentia fome.

Por fim capitulei. Encostado na porta, já desembaraçando as muitas chaves do molho sempre pendurado na fechadura, o que me atrapalha quando tenho pressa, não sei bem por que me ocorreu a pergunta.

Que dia é hoje?, saiu quase num sussurro, naquela displicência de quem está às voltas com uma preocupação e fala sem pensar. Talvez eu quisesse de fato perguntar por que vendiam macela se não era a Semana Santa.

Sexta-feira, respondeu a menina.

Paixão de Cristo, completou o homem, com entonação de pregador do Evangelho.

Estanquei. Não, aquilo não era possível, faltam dois meses para a Páscoa. Sou descrente, mas não louco. Larguei as chaves, corri até a cozinha, onde a senhora da limpeza pôs um calendário e faz questão de atualizá-lo, deixando-o sempre no mês corrente.

Fevereiro, me mostrava a folhinha, acintosamente aberta numa oportuna e bela paisagem praiana. A senhora da limpeza não erraria. Não ela. Senti um grande alívio e voltei à porta, ainda mais curioso.

Hoje não é Sexta-feira Santa, gritei, sem disfarçar um acento irritado.

Moço, o senhor já viu alguém vender macela em fevereiro?

Um calafrio me percorreu. Com a porta trancada impedindo que eles acompanhassem o que acontecia aqui dentro, como pôde o homem adivinhar minha aventura na cozinha?

Tenho fome, tornou a choramingar a menina.

O que vocês querem de mim?, balbuciei, colado à porta, sem coragem de espiar pelo olho mágico.

Não queremos nada, seu moço, apenas vender macela. O chá faz bem pra digestão. Se não comprar agora, só no ano que vem, insistia o homem.

Tenho fome, tio, repetia a criança.

Se fosse mesmo a Paixão, eu teria enlouquecido de forma irremediável. Do contrário, corria então algum tipo de perigo, disfarçado pela inocência da menina, enquanto a pregação do evangélico só fazia denunciar. Querendo ainda crer na minha sanidade, decidi eger um fiel para a balança.

Mas quem?

Ir até o porteiro ou bater num vizinho significava ter de abrir a porta. Telefonar para um dos meus poucos amigos e esclarecer: imaginei o teor da rápida conversa — que dia mesmo é hoje? — e desisti da ideia.

Foi então que me ocorreu. Há dias não falava com minha mãe. A ela eu poderia dirigir a mais desbaratada das perguntas sem me preocupar com sua reação. Esse novo alento me fez correr ao telefone. Ela pouco sai de casa, não tinha dúvidas de que a encontraria.

Disquei. O telefone chamou várias vezes sem resposta, aumentando a expectativa e também a saudade. Há dias sem ter notícias e sem me dar conta disso. O que poderia ter acontecido? Talvez tivesse discado mal o número. Tentei de novo. Nada.

Tenho fome, ainda escuto o débil bordão da menina.

Desisto, volto à porta, tomo coragem, espio. Lá estão os dois. Os cachinhos bem feitos da menina, a feiúra do homem já não me parecendo tão assustadora. Respiração suspensa, vejo quando ela tira um raminho do cesto, aproxima-se da porta, abaixa-se, sai momentaneamente do meu campo de visão e volta. Imagino que tenham desistido de uma espera inútil e estejam tentando me provar que são mesmo do Bem, deixando a macela de presente sobre o capacho.

Fica com Deus, moço, escuto o homem dizer antes de me darem as costas.

Num segundo, tudo faz outro sentido. É dia da Paixão de Cristo, a mãe não está em casa porque sempre vai à Igreja do Santo Sepulcro nessa tarde. Dia da macela, por isso o porteiro deixou que eles entrassem. Sexta-feira Santa de penitência e jejum, da fome de uma criança que bate à minha porta. Tudo tão simples. Eu esqueci o calendário, a senhora da limpeza esqueceu de atualizá-lo, passo os dias trancado na minha impossibilidade sem perceber que o ano avança, que a mulher pode também ter falhado ou desistido de controlar meu tempo.

Outro segundo, consigo abrir a porta. Quero pagar pela macela. A menina vai entrar e comer o almoço, tratarei de esquentá-lo. Mamãe aprovará minha atitude.

Eles já não estão ali.

Ei vocês!

Ninguém responde. Vou pelo corredor até a escada, apuro o ouvido. Impossível que tenham conseguido sair tão rápido. Chamo, espero, desisto. Na volta, incrédulo, não encontro raminho algum sobre o capacho.

Entro em casa, tranco de novo a porta, bem trancada, duas voltas na chave. Busco um copo d'água, bebo devagar, respiro fundo, sento, me ajesto na cadeira. O computador ligado me espera.

Escrevo uma linha, finalmente.

# Foice

Ana Mariano

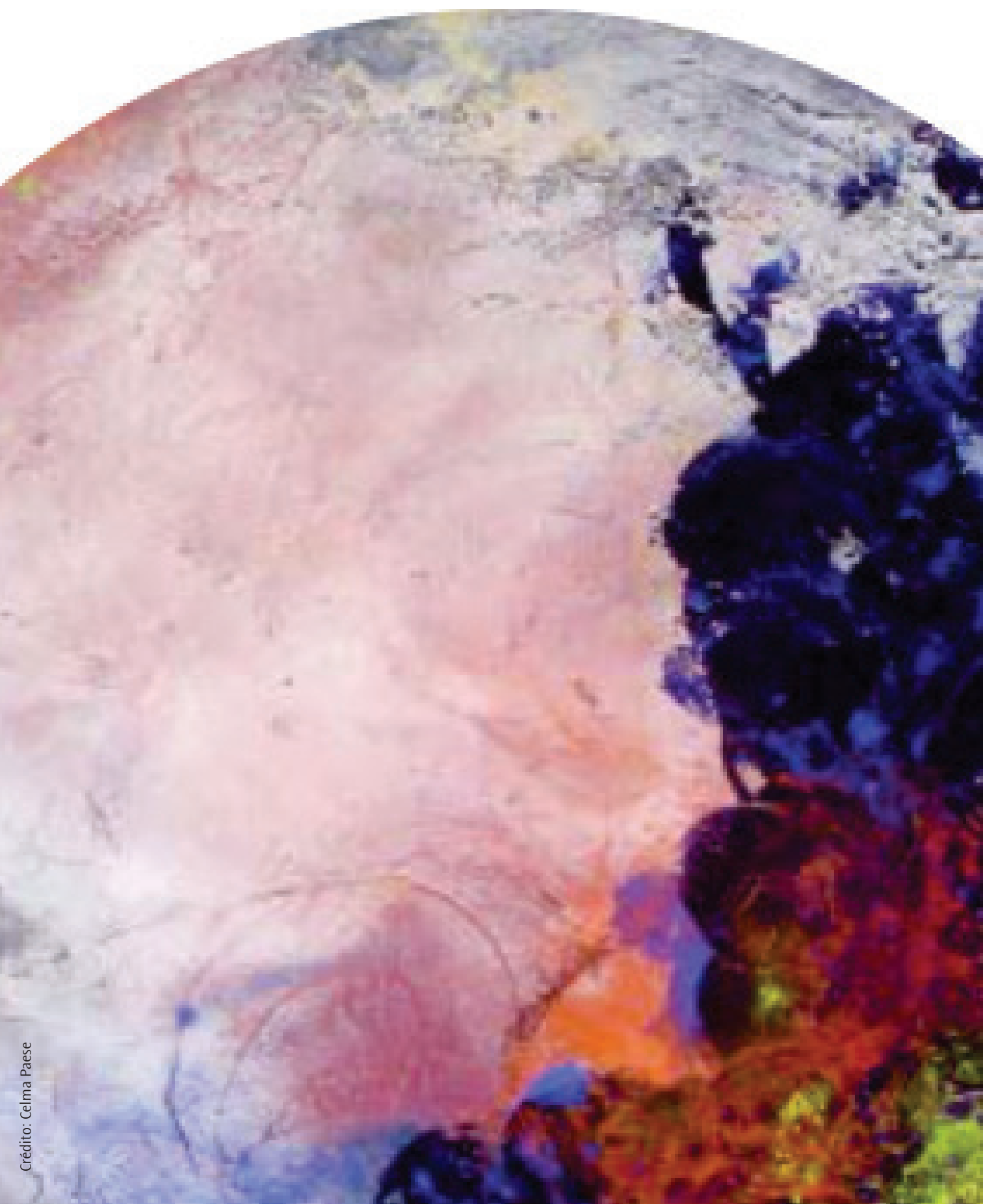
Porque não podem suportar o Teu silêncio  
erguem anjos de pedra, monumentos.  
Meticulosos enunciam as virtudes  
dizem saudades que em vida não disseram.

Porque sabem que é fatal o esquecimento  
em bronze firmam nome e sobrenome  
e aos mármoreos conferem escrituras  
e de palavras os vestem,  
de eloquência.

Para fingir que a vida Te visita  
e que é possível tolerar o Teu mistério  
constroem muros de cimento trabalhado  
fazem portões definem Teus limites  
criam mapas e numeram Tuas moradas  
dispõem floreiras levam flores que não  
chegam  
para aplacar o assombro que lhes causas.

*Ana Mariano, formada em Direito pela Ufrgs, é autora do livro de poemas Olhos de cadela (L&PM, 2006), finalista do Prêmio Açorianos; e do romance Atado de ervas (L&PM, 2011), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura – melhor livro do ano Autor Estreante.*





Crédito: Carlos Wladimirsky

# CENA ÚNICA

PAULO WAINBERG





Cartoon  
Illustration

HAROLDO: em torno dos quarenta anos, bem apessoado, dono de uma loja de móveis que herdou do pai, onde trabalha desde os 15 anos. Está entediado, olhando para a pilha de papéis (faturas, contas, pedidos, notas fiscais) que entopem sua mesa no pequeno escritório no fundo da loja, sem luz externa. Na parede, atrás dele, uma foto antiga do pai e na do lado direito um relógio que prende a atenção de HAROLDO. Ele é o perfeito exemplo de quem não tem mais “joie de vivre”. Numa mesinha auxiliar, uma garrafa térmica com café e um aparelho ligado na tomada, que fornece água gelada.

Com um suspiro ele pega, na gaveta, um pequeno gravador e diz:

HAROLDO — Desde os quinze anos vendo móveis nesta loja. Atender o freguês, saber o que ele quer, demonstrar o conforto das cadeiras e como a mesa é prática, elogiar a textura dos sofás e poltronas, ressaltar, demonstrando, que um sofá só é cômodo se o assento terminar exatamente na dobra dos seus joelhos. Negociar preço, aceitar agradecimentos e promessas não cumpridas de voltar amanhã.

Levanta e começa a dar voltas na escrivaninha, parando para tomar água num copo plástico.

HAROLDO — Casei com vinte e cinco anos, aos vinte e oito já era pai e comerciante a pleno, lidando com fábricas, revendedores, representantes comerciais, bancos, contadores, o tempo foi passando e eu aqui, nesta saleta, dia após dias, até chegar aos quarenta. Quer saber de uma coisa? Não aguento mais!

Entra o vendedor:

VENDEDOR — Seu Haroldo, quanto posso dar de desconto para o conjunto A723, para pagamento à vista? Já cheguei ao nosso limite, mas o cliente insiste, se eu não baixar o preço ele vai comprar em outro lugar.

HAROLDO — Dá mais cinco por cento e se ele não quiser, pode ir pra puta que o pariu!

O vendedor sai e fecha a porta. HAROLDO está em pé, de costas para a plateia, olhando a fotografia do pai, descolorida e empoeirada.

HAROLDO — Não sei há quanto tempo não tiram o pó dessa merda! (Caminha pela peça e guarda o gravador na gaveta. Para diante do relógio) Nada acontece, nesta minha vida de merda. E se eu ligar para a Lucinda? Bem que ela anda me dando uns olhares mais longos... Mas e aí, ligo pra ela e digo o quê? Convido pra ir a um motel? Já imaginou a bronca que dará, o escândalo, ela conta ao Roberto e para a Clarinha que dei em cima dela... Mas eu posso fazer diferente, o que é que eu poderia querer com ela, no meio da tarde? Alguma coisa assim, que não desse muito na vista, quem sabe invento que estou com um problema com a Clarinha e convido ela para um café, para pedir uns conselhos.... Não, não, isso é loucura! Vai dar o maior rolo...

Pega o telefone e discou para casa. Clarinha, sua esposa, atende e ele, disfarçando a voz:

HAROLDO — Quem fala?

CLARINHA — Com quem deseja falar?

HAROLDO — Aí é da casa do Haroldo? E você é Clarinha, a esposa dele?

CLARINHA — Sim... Mas quem está falando... Sua voz não é estranha...

HAROLDO — É claro, ele nunca falou de mim, para você.

CLARINHA — Mas eu...

HAROLDO — Provavelmente você nem sabe que eu existo – e desligou.

Sorri ao imaginar a cara de espanto de Clarinha, deixa passar a tarde e, na hora de sempre, vai para casa. Clarinha não menciona o episódio.

Dia seguinte, mesmo tédio, mesmo fastio, mesma hora, Haroldo liga para casa. Clarinha atendeu:

CLARINHA — Alô?

HAROLDO — É da casa do Haroldo? É você, Clarinha?

CLARINHA — Sim, sou eu. E você, quem é?

HAROLDO — Típico do Haroldo, ocultar a existência de seu irmão gêmeo. Pudera... Ovelha negra da família.

CLARINHA — Como é que é? Você é...

HAROLDO — Sim, Clarinha, sou o irmão gêmeo do Haroldo. Meu nome é Ovídio e há muitos anos saí da cidade. Andei pelo mundo inteiro.

CLARINHA — Mas como você me conhece?

HAROLDO — Eu estive no casamento de vocês. Disfarçado, é claro. Naquele tempo a Interpol me procurava...

CLARINHA — Ah, tá bom Haroldo, é você, reconheci tua voz! Não tem mais nada pra fazer?

HAROLDO — Não sou Haroldo, Clarinha. Acredite. Não sou o Haroldo, sou Ovídio, irmão gêmeo dele que, desde os dez anos, a família ocultou.

CLARINHA — E o que você quer agora? Aparece assim... Já falou com ele?

HAROLDO — Não. Ainda não. Pretendo ir à loja, qualquer dia. Ele continua lá, vendendo os mesmos móveis que papai vendia antes...?

CLARINHA — Ouça, Ovídio ou seja lá quem for, nós somos gente de bem, por favor não venha estragar nossa família.

HAROLDO — Lamento, Clarinha, mas vou estragar, sim. Quero você! Quero você desde o dia em que você casou com Haroldo. Depois de todos estes anos, minha paixão não esmoreceu e ontem, quando vi você, percebi que está mais linda do que nunca.

CLARINHA — Você me viu ontem? Onde? Como?

HAROLDO — Não se preocupe, Clarinha. Não estou seguindo você, mas queria vê-la novamente. Que linda mulher você se tornou. Aposto que o Haroldo nem nota a maravilha que ele tem em casa.

CLARINHA — Você está me encabulando, Ovídio.

HAROLDO desligou o telefone, pensativo. Clarinha, diante do elogio, abriu as possibilidades ao chamá-lo de Ovídio.

Ovídio, pensou, onde fora arrumar aquele nome? Caso tivesse um irmão, gêmeo ou não, seus pais jamais dariam aquele nome.

Divertiu-se com a situação. Há muito não se sentia estimulado. Mal pôde aguentar até chegar a hora de ir para casa e observar a reação de Clarinha.

Dia após dia, sempre no mesmo horário, Haroldo ligava para Clarinha. Ela, enlouquecida com a situação, insistia para encontrar ‘Ovídio’, mas ele sempre tinha uma desculpa, uma viagem de última hora para Bermudas, em busca de um documento secreto, ficar escondido em Amsterdã até “passar o impacto”. Contava histórias mirabolantes e não cansava de elogiar Clarinha, a beleza e a inteligência dela, criticando sistematicamente ‘o irmão’ pela vidinha sem graça que escolhera e obrigara Clarinha a viver.

“Você foi feita para as grandes aventuras, meu amor, você devia estar mergulhando nas águas transparentes do Grande Lago Dourado do Cazaquistão, em busca das famosas floreáceas azuis que valem fortunas no mercado negro de Istambul.”

Clarinha suspirava, sua vida se transformou numa espera pelo telefonema de Ovídio enquanto, ao mesmo tempo, mais nutria desprezo por Haroldo.

Este, por sua vez, embalado pelas histórias que inventava, sentia-se mais apaixonado por Clarinha e todos os dias, quando voltava para casa, alimentava a esperança de que ela falasse no assunto, o que nunca aconteceu.

Quanto tentava alguma investida, no leito conjugal, era brutalmente afastado e ouvia o resmungo de Clarinha:

— Chato, sem graça, o que foi que eu fiz para casar com tanta mediocridade.

Amuado, ele adormecia. Aos poucos, um insidioso sentimento tomou conta dele: ciúmes de Ovídio.

“Devo estar louco”, pensava, “Eu sou Ovídio, não posso estar com ciúmes de mim mesmo”.

Mas, a cada vez que Clarinha implorava por um encontro, ele se remoía, se retorcia, uma raiva surda a consumi-lo.

Até que, durante um jantar, em que Clarinha estava particularmente irritada, ele não aguentou mais:

HAROLDO — Quer dizer então que você anda falando com Ovídio.

Clarinha sentiu o coração disparar.

CLARINHA — Quem?

HAROLDO — Ovídio, meu bem, você sabe muito bem de quem estou falando.

CLARINHA (explodindo) — POIS fique sabendo que é verdade. Seu irmão gêmeo, o Ovídio, aquilo sim é que é homem de verdade. Perto dele você não passa de um pobre coitado, sentado o dia inteiro naquela loja empoeirada, vendendo cadeiras para velhotas! Ah, que tristeza! Por que não conheci Ovídio primeiro?

HAROLDO — Por uma razão muito simples, querida. Ovídio não existe.

CLARINHA — Como é que é? Como assim, não existe? Ele me liga todos os dias, na mesma hora e...

HAROLDO — Sou eu quem liga, Clarinha. Comecei como uma brincadeira e fui levando, para ver até onde ia. E você passou dos limites!

Clarinha estava pálida:

CLARINHA — Então era você... Bem que eu reconhecia a voz, mas achava que era por serem gêmeos. Ovídio não existe mesmo, não é?

Os olhos de Haroldo fumegavam:

HAROLDO — Não, sua puta! Sua vagabunda! Não existe! Mas se existisse você estava prontinha para dar para ele, ordinária!

CLARINHA — E estava mesmo, cretino! Você acha que eu gosto desta vidinha, todos os dias a mesma coisa, as mesmas pessoas, as mesmas tarefas...

HAROLDO — E você acha que eu gosto da minha vidinha de vendedor de móveis? Eu quero a vida de Ovídio, aquilo sim é que é viver, o tempo todo enfrentando o perigo, viajando pelo mundo, parando nos melhores hotéis, frequentando os Cassinos, mulheres deslumbrantes a minha volta...

CLARINHA — É... Seria uma vida bem diferente, né? Você me contou tantas histórias, disse tantas coisas a meu respeito... Você acha mesmo que eu deveria estar mergulhando no Grande Lago Dourado do Cazaquistão?

HAROLDO olhou para ela. Sim. Ele achava. Clarinha estaria deslumbrante, de biquíni, nas águas tépidas e transparentes...

HAROLDO — Se fosse com Ovídio você largava tudo e ia, não é? Vagabunda!

CLARINHA — Largava, sim! Largava tudo para me jogar nos braços daquele homem! E nunca mais ia olhar para tua cara, seu chato medíocre!

HAROLDO — Puta!

CLARINHA — Imbecil!

Ouve-se o som da campainha da porta da frente.

HAROLDO — Só que me falta, uma visita agora!

CLARINHA — Melhor do que ficar contigo na frente da TV.

Entra a empregada.

EMPREGADA — Dona Clarinha, tem um senhor lá fora procurando pela senhora. Ele disse que o nome dele é Ovídio, irmão gêmeo do ‘seu’ Haroldo, e que a senhora sabe do que se trata.

PANO SUPERSÔNICO

*Paulo Wainberg é escritor, autor dos livros Unhas e Os malditos, entre outros.*

# NOTÍCIA

EDSON CRUZ

Embrulhado em um pedaço  
de pano  
com o cordão umbilical  
enrolado no pescoço,  
arfando, o bebê  
foi encontrado na madruca  
da zona leste paulistana.

Pesava três quilos  
e o sexo vibrava  
masculino.

Esparramava-se em uma caixa  
de papelão  
na avenida Lagoa Encantada  
do Parque Santa Amélia.

Corte.

Para esse pequeno,  
lagoa nenhuma será encantada.  
Todas as santas  
do panteão universal  
serão incapazes de fazer florir  
um parque.

Morte.

O ser humano é capaz  
de se acostumar  
a tudo.



Crédito: Kin Viana

# OS TRÊS CÃES DA BR-386

FLÁVIO ILHA

Despertou com um aperto no peito, como se tivesse jantado um tijolo.

Fazia frio, então ficou na cama um pouco mais e pensou na família. A mulher, atenciosa, havia se distanciado para cuidar dos filhos. O menino e a menina eram agradáveis, mas eram crianças — e crianças são desagradáveis por natureza.

O pai e a mãe já tinham morrido, o que lhe causava desconforto. Pela linha sucessória, o próximo seria ele, depois os filhos, os netos e os bisnetos. Desocupariam o espaço para que outros descendentes pudessem povoar o mundo. Uma lógica só desfeita por acidente ou crime.

Da mãe, restava a memória de uma mulher que, outrora atraente, havia morrido com as feições de uma japonesa.

Uma japonesa velha, naturalmente, o que só piorava as coisas.

O pai lhe parecia uma caricatura dele mesmo: as feições aumentadas, os defeitos morais ainda mais evidentes. Teve a impressão de estar se vendo no caixão, mas bem mais magro, é claro.

Era indiferente ao trabalho, mas não gostava de viajar. Ainda mais com chuva, que caía vertiginosamente naquele dia. Não guiava e por isso precisava confiar nos motoristas que contratavam. O que mandaram naquele tinha feições índias. Desconfiou na hora.

O velho que bateu na sua porta mal abria os olhos de tanto sono, embora já estivesse entardecendo. Era com ele que iria. Logo percebeu que falava demais, contando histórias de aventuras inverossímeis pela BR-386. Anoitecia quando saíram.

O carro deslizava a mais de oitenta por hora no asfalto, empurrado pela verve do motorista. Falava sozinho — uma brutal ansiedade o fazia contar histórias para ele mesmo e nem se importava se seu acompanhante estivesse dormindo. Achava muita graça em tudo, mas vez ou outra saía da pista só para tensioná-lo.

O aperto no peito continuava, com se houvesse caído uma lápide sobre ele.

No caminho passou por uma dessas placas educativas onde estava escrito que 57% das mortes no trânsito ocorriam à noite, em situações de baixo tráfego.

Cruzaram com o primeiro cachorro.

Uma sucessão de caminhões descia em fila, carregados de soja. Ouviu no rádio que duas carretas haviam se chocado de frente em alguma estrada do interior. Dois homens morreram jovens, o que lhe fez pensar em James Dean. Mas sem o glamour, claro.

Ultrapassaram duas jamantas lado a lado na pista simples e percebeu que a física era uma abstração.

Passaram por outra placa onde havia a informação de que 40% dos acidentes com mortes ocorriam por ultrapassagens indevidas.

Despertou com uma curva negra à sua frente e o clarão do farol na frente. O velho sem olhos permanecia com as mãos tesas sobre o volante. Não ria mais, embora tivesse aumentado a velocidade média para cem quilômetros.

Depois de outra curva, pagaram catorze reais pelo segundo pedágio da noite. O policial olhava o movimento tomando mate, como se estivesse na varanda de casa. Podia, se quisesse, estar de chinelos.

## “O MOTORISTA VELHO AGORA TINHA UM AR FERAZ E DIRIGIA COMO SE QUISESSE LEVANTAR VOO. MAS NÃO SE ATREVERIA A CONTRARIÁ-LO.”

O rádio emitia guinchos ásperos que às vezes permitiam identificar alguma prova de amor gritada por um, ou dois, cantores. Por vezes silenciava completamente e só se ouviam os zunidos dos caminhões no sentido inverso: velocidade + velocidade.

Vultos negros no meio da paisagem sugeriam a presença de capões aqui e ali no meio do campo coberto de soja. Não via a plantação, mas intuía que ela dominava a paisagem.

O motorista com cara de índio parou e disse que precisava tomar um café. Desceu do carro, mas não acompanhou o homem. Não queria ouvir suas histórias acordado e temia vomitar. O peito agora se consumia em chamas ardidas, que saíam pela garganta. Pediu uma água com gás ao motorista, que concordou com a cabeça. Entregou-a junto com uma nota fiscal.

Logo depois cruzaram com o segundo cachorro.

Uma placa anunciou o fim de um perímetro urbano. Luzes vermelhas enfeitavam um sobrado onde não havia nenhum carro estacionado.

Um cilindro escoltado por dois veículos bateadores ocupava metade da pista contrária sobre um caminhão. A massa escura passou rente ao vidro na ultrapassagem e ele pôde ler as iniciais SWT na lataria. Não conseguiu identificar o que poderia significar, apesar do esforço.

As curvas se acentuaram.

O vento movimentava as copas das árvores para lá e para cá como se quisesse lhe alertar sobre alguma coisa. O motorista agora parecia perdido em devaneios íntimos, tamanha indiferença com o ambiente que mostrava ao guiar.

Um andarilho passou pelo acostamento como um fantasma, decerto procurando abrigo para a chuva inclemente.

Outra placa proibia a ultrapassagem num trecho de vários metros à sua frente.

Cruzaram um rio estreito e revolto, entrevisto pelo tropel de um raio.

Uma placa indicava a possibilidade de que animais cruzassem a pista.

Luzes ao longe mostravam, sob a neblina, que havia uma cidade logo adiante, à esquerda.

Um motel, do outro lado, ostentava um

coração estilizado formado pelos corpos de dois amantes. Pensou na mulher, concentrada nos filhos. E nele mesmo, arredio à família. Sentiu fome e pensou que podia estar em casa, jantando em frente à TV. Nem se importaria em ter os filhos à volta. Aliás, gostaria de tê-los à volta. Uma vez na vida pensou em reunir a família ao redor de si para confessar, constrangido, que os amava. Mesmo que não fosse verdade.

Uma placa anunciava a divisa de dois municípios.

Outra placa alertava sobre a presença de animais selvagens na pista.

Um posto muito iluminado ficou para trás. Os caminhões começaram a estacionar e a estrada esvaziou.

Viram um animal atropelado na pista. As vísceras ainda espalhavam-se pelo asfalto e estavam sendo pouco a pouco misturadas ao piso pelo peso de caminhões e carros. Logo não seria nada mais que um vestígio na noite, uma mancha de sangue lavada pela chuva.

Uma placa dizia que era perigoso trafegar com luz alta na neblina.

Outra placa dizia que mais da metade dos acidentes de trânsito acontecia nos últimos quilômetros de viagem.

O motorista velho agora tinha um ar feraz e dirigia como se quisesse levantar voo. Mas não se atrevera a contrariá-lo. Se guiasse, talvez tivesse a mesma reação de fúria diante da estrada — um espaço de fuga que poderia levar para dentro de um buraco sem fim.

Antes de uma curva vencida com dificuldade, uma sucessão de números decrescentes — e gigantescos — passou por eles como uma animação caseira. Eram todos amarelos.

O aperto no peito voltou, agora com a sensação de que havia engolido a si mesmo.

Cruzaram, então, com o terceiro cachorro.

*Jornalista e escritor*

## SANDRA SANTOS

entro na casa dos 50  
sem mapas  
desaponto  
a geografia do rosto:

sem os cabelos brancos  
da minha vó  
sem a bengala

sem lentes de vidros  
ou dentes  
marfins dentro d'água

sem dezenas de filhos  
em volta

sem cadeira de balanço  
embalo  
minha solidão de 50 anos  
na rede

*Coordenadora do Espaço Cultural Castelinho do Alto da Bronze*

Crédito: Marília Fayh



# O VOO DA MOSCA

CAIO RITER

O vidro quebrado ao meio permite a entrada do ar frio da manhã. E é por ali que a mosca entra, ela que pouco tempo tem de vida e nada sabe sobre interrogações existenciais. É apenas uma mosca e traz no corpo um universo de cores refletidas pela luz branca que ilumina a sala de móveis antigos, onde um velho aguarda. Parado, os olhos fixos na janela não dão conta se ele busca algo lá fora, se viram a entrada do inseto, se olham para o vidro quebrado com o mesmo pouco desejo que poderia olhar para qualquer outro lugar ou objeto naquele espaço já tão conhecido seu.

O velho olha nada.

A mosca olha tudo, voa e seu zumbido é o único som na sala. Pousa sobre a mesinha de centro, junta as patinhas, esfrega-as uma na outra, talvez percebendo algum resto de alimento esquecido por ali, algum pingo de café, algum grão invisível de açúcar. Insetos como esta mosca reluzente gostam de adoçares. Depois, voa sobre o tapete desbotado, roda pelo ar, zumbindo, zumbindo, e o velho não é mover de cabeça nem mesmo quando ela faz ameaça de entrada em seu ouvido peludo. Não, ele não se move; olhos ainda presos na janela à sua frente. Não enxota o bicho; não proclama praga do tipo merda de mosca; talvez nem a tenha percebido. Tanto que a mosca o esquece e pousa suas patinhas, leves patinhas, sobre o televisor desligado; vaso pequeno com flores de plástico, vermelhas e amarelas, em cima dele. A mosca passeia pelas pétalas sem vida, em cada uma, em outra, numa caminhada pouco intencional. Então, voa de novo, busca esconderijo no fio escuro de onde pende uma grande lâmpada branca, quando a mulher gorda entra na sala sem palavra qualquer, sem olhar para o velho na cadeira. Ele também não move a cabeça à sua entrada. E lá, no fio, a mosca é espera. Que isso ela bem sabe, até por não se conhecer finita.

A mulher de branco, como se apenas naquele momento, indiferente momento, se desse conta do velho na cadeira, olha-o como se olhasse uma cadeira entre tantas, olha-o como não se olha uma mosca, inseto comum feito de muitos nojos, olha o velho com

a indiferença que o não asco provoca. Só isso. E ajeita o líquido na seringa, aproxima-se como sempre: sem palavra, sem gesto maior do que apenas aquele que exigem dela. No fio escuro que segura a lâmpada entre teto e queda, a mosca aguarda. Patinhas em esfrega de impurezas.

A seringa perfura a carne do velho e ele não esboça dor, aversão, nada. Os olhos apenas se desviam um pouco da janela, rigidez fixada na tela apagada do televisor, onde pouco se vê, naquele arremedo de espelho escuro, da sala, dos móveis. Algodão esfregado na pele, um pouco pingo de sangue no braço do velho, que se cristaliza, coágulo na luz branca, e a mulher se vai, porta semiaberta deixada para trás.

Moscas têm faro apurado, e aquela no fio de luz não difere das outras de sua espécie. Voa até o braço do velho, bebe o sangue parado, patinhas limpando-se, gostando. Apetite satisfeito, caminha pelo braço, chega ao pescoço, sentindo-se, caso pudesse sentir, desbravadora e proprietária, só os dois naquela sala destituída de mais. Voeja até o rosto do velho, caminha com suas seis patinhas pelo nariz, pelas faces, pela testa. Os olhos parados do velho dão conta da mosca no rosto, percebem o bicho, mas as mãos, embora tragam em si a força do movimento, seguem estáticas sobre as coxas magras de carnes.

A mosca passeia, patas de carinho, zanza em círculos entorpecida por tanta liberdade de trajetos. Desce até os lábios ressecados, toca-os num beijo inaugural.

*Escritor, autor de Meu pai não mora mais aqui e Futurações, entre outros.*

ALEXANDRE BRITO

## Ciúme

Engoliu em seco ao ver outro menino dependurado na goiabeira da sua infância.

## Mídia alternativa

Televisões não cobriram. Jornais não repercutiram. Rádios não levaram ao ar. Mas Dna. Maria espalhou a notícia por toda a cidade.

## O prognóstico

Retomando o clima da discussão, o meteorologista foi categórico: toda frente fria tem as costas quentes.

NÃO ERA HOJE  
ERA AMANHÃ



# REGINA, O CONDOMÍNIO

GUSTAVO CZEKSTER

*“O rugir dos leões, o uivar dos lobos, o furor do mar tempestuoso e a espada destruidora são fragmentos de eternidade grandes demais para os olhos humanos.*

*(“Provérbios do Inferno”, William Blake)*

Sempre disseram que sou estranha. Existem pessoas que, quando pensam em algo esquisito ou incomum, logo o associam ao meu nome, como se o monopólio da estranheza me pertencesse. Era frequente alguém dizer “lembrei de você, Regina” e contar uma história fora do comum, como o nascimento de um terneiro com três cabeças no México ou o coelho que ficou rosa depois de levar um susto. Incomodava perceber que ninguém perguntava o motivo da lembrança, como se Regina e estranheza fossem sinônimos ou um silogismo. Minto: isso não incomodava, mas sim perturbava. Algo estranho caminhava comigo, seguindo meus passos, algo intruso e invasor. Esse algo metia medo por estar tão próximo, sempre bafejando a minha nuca, mas era uma sensação suportável.

Eu seria uma pessoa estranha e feliz se, por um acidente, não tivesse enxergado o meu perseguidor invisível. Foi há um mês. Estava no corredor do meu prédio quando lembrei que a porta da geladeira tinha ficado aberta. Pensando nos golfinhos que morriam por causa da substância que saía da geladeira e destruía a camada de ozônio e os ecossistemas (podia ouvir os golfinhos gritando no fundo da imagem mental), voltei correndo para o apartamento.

Para entender o que aconteceu, tenho que me imaginar em câmera lenta. Abri a porta e corri na direção da cozinha quando escutei um som diferente, como se algo arranhasse o assoalho. Ainda correndo, virei o rosto e, de relance,

desgrenhada, de longos meu corpo. Espantada, e caí no chão. A mulher casa. Desaparecera em

Acho que nunca minha vida. Só na vez meu nascimento, quando

minha mãe com olhos curiosos e cheios de sangue, olhos meus e tão desconhecidos. Ver aquela coisa que me perseguia, mais do que uma experiência aterrorizante, foi também uma revelação. Consegui entender circunstâncias que antes eram incompreensíveis. Como o fato de estar sempre pensando em besteiras, o gosto por comidas de nome estranho e o fato de apanhar para o meu marido com felicidade, todas as noites de sexta-feira, para tirar o estresse da semana. Antes eu me imaginava uma pessoa insana ou, no mínimo, masoquista. Desde o momento em que vi aquela criatura, entendi que não era eu que tinha estas características, e sim a outra. Eu era um duplo, mas não de dois: era um duplo de um.

Pesando os dois lados, creio que a visão da perseguidora me deu mais alívio que preocupação. Entretanto, senti que devia — por uma questão de cortesia — descobrir a identidade daquela mulher, ou o motivo pelo qual ela vivia comigo e em mim. A melhor ideia que tive, fruto das sessões de umbanda frequentadas no passado, foi que alguém tinha colocado “encosto”, um espírito para me atormentar. A hipótese era atraente

“A VERDADE É QUE NÃO FIZ  
QUESTÃO DE DESCOBRIR QUEM  
ERA A OUTRA. REGINA TEM UM CORPO  
DIVIDIDO POR DUAS MULHERES.”

percebi uma mulher olhos, a centímetros do tropecei em um banco não estava mais na minha pleno ar.

senti tanto medo na em que vi a filmagem do saí de dentro do corpo da

“ACHO QUE NUNCA SENTI TANTO MEDO NA MINHA VIDA. SÓ NA VEZ EM QUE VI A FILMAGEM DO MEU NASCIMENTO, QUANDO SAÍ DE DENTRO DO CORPO DA MINHA MÃE COM OLHOS CURIOSOS E CHEIOS DE SANGUE, OLHOS MEUS E TÃO DESCONHECIDOS.”

e lógica. Esbarrava em um “porém” intransponível: ninguém queria me fazer mal. As poucas pessoas que desejavam isto vinham e me maltratavam. Não precisavam de um “encosto” para fazer o trabalho, era tão inútil quanto bater em cachorro morto.

Algumas vezes eu tentei enxergá-la. Virava a cabeça rápido para tentar surpreendê-la, mas não tive sucesso. Corria e me virava repentinamente, sem resultado. Em algumas oportunidades, tentei simular o momento mágico em que a vira. Deixava a geladeira aberta, saía no corredor, fingia lembrar e, então, retornava correndo para o apartamento. Cheguei ao ponto de tentar relembrar até os meus pensamentos naquele dia. Mas falhei todas as vezes.

Prestes a desistir da busca, acabei encontrando a perseguidora no local mais óbvio. Certa manhã, penteando meu cabelo diante do espelho do quarto, sentada na cama, sem querer deixei meus olhos se fixarem em um ponto. Na região esmaecida que separa a visão do devaneio, percebi que alguém estava se descolando de mim. Esta era a palavra: descolando. Era como se Regina estivesse em um processo meiótico, dando origem a outra pessoa. Não digo que a outra surgiu como um fantasma, mas sim que foi se separando de mim, até aparecer sentada ao meu lado.

Ainda assim, eu não conseguia enxergá-la por inteiro. A visão não era clara. Distinguia somente o vulto marrom, às vezes mais claro, em outras mais etéreo. Um som na rua terminou com o devaneio, e aquela criatura pulou para dentro de mim, causando um sobressalto tão violento que quase caí da cama. Não sei se ela me viu, mas eu a tinha pressentido. Uma mulher de meia-idade, vestida com um roupão marrom. Os cabelos eram cinzas e desgrenhados. Seus olhos queimavam como mil verdades. E, meu Deus, esse bicho morava dentro de mim.

Seria muito fácil dizer que, de tanto pesquisar, descobri a identidade da mulher. Ou, então, que aquela senhora era uma antevisão do meu passado, ou eu era o sonho de uma velha amargurada. A verdade é que não fiz questão de descobrir quem era a outra. Regina tem um corpo dividido por duas mulheres. Por mais estranho que essa sensação

pareça, eu a considerei evidente. Tantas almas à solta por aí, uma podia ocupar meu espaço corporal de vez em quando. Talvez a velha tenha me sussurrado atrás da orelha a lógica de situação tão absurda, assim como às vezes ela contava um monte de besteiras que me davam a fama de ter sabedoria inútil. Como todas as coisas estranhas, eu acabei me acostumando. Com o tempo, até passei a conversar com a outra, mas sem muita intimidade. Já temos toda que precisamos, não vou abrir a minha mente para a criatura com quem divido o corpo.

Eu continuo a mesma, feliz e estranha. Continuo adorando comida exótica, falando besteiras pelos cotovelos — viram só? — e esperando a surra de sexta-feira com ansiedade juvenil. Às vezes, naqueles silêncios de roda de bar, meus amigos repentinamente dizem, “Regina, você é muito estranha” ou frases similares, do tipo “Que estranho, Regina”. A diferença é que, hoje, me assumo como uma pessoa estranha. E eterna. Enquanto o meu espaço corporal estiver ocupado, sou o pedaço de algo muito maior. Regina, compre uma e leve duas.

Foi com relativa surpresa que, esta noite, me deparei encarando os lábios suculentos de Joana, namorada de um colega de serviço. Mais espantoso ainda foi ir ao banheiro com aquele monumento e nos trancarmos em um box. Por ser a primeira vez com uma mulher, meus movimentos bruscos pareciam as estocadas de um homem, e foi assim que gozei. Ao sair do box, o súbito olhar para o espelho flagrou atrás de mim a forma de um homem baixo, com braços de estivador e bigode de sem-vergonha.

Ora, parece que há um morador novo em Regina, se é que ela ainda existe, se não sou outro dos seus inquilinos. Caminhando para casa com estas novas sombras, um pensamento incomoda: quem é o síndico? Acho que está na hora de sentar na frente do espelho de novo.

*Gustavo Czekster é escritor, autor do livro O homem despedaçado, editora Dublinense.*

# GUTO LEITE

as árvores jamais tiveram tempo  
de imaginar deuses  
eternamente na fábrica  
– algas são árvores castigadas –  
acreditam somente n  
o que produz  
em seus galhos

sempre pareceu es  
forço de  
mais crer  
numa força invisível  
por detrás dos brotos  
na maldade anhangá  
numa voz as  
soprando a chuva a  
vir ou não vir

na única vez em que  
deus foi assunto do foli  
chico  
das folhas  
– o castigo das algas é estúr  
dio –  
um arbusto  
resmungou para si

deus é **coisa de bicho**

\*\*\*

num dia  
daqui a dois ou três bilhões de anos  
sua saia de pequenos sistemas  
estelares  
orlará a matéria escura  
pra dentro do meu peito

toda fortuna  
que guardei  
por tanto tempo  
se desprenderá  
do núcleo da minha alma  
aleatoriamente  
e quase poderei ouvir o universo  
de gritos  
de cada planeta habitado

dançaremos no abismo do cosmos  
como virgens em fogo  
coseremos nossos limites  
antes imprescindíveis  
e os deuses que nos virem  
de fora  
dirão  
que morremos

indefinidas  
no leito vasto  
na confusão de nossas órbitas  
pouco importarão novas supernovas buracos  
especialmente negros lascas  
de estrelas decadentes  
possibilidades de caos

só restará o centro  
quente amorfo imenso  
o centro  
tão rápido que estático  
o centro  
coberto pela face dos átomos  
o centro

ali  
imunes à obrigação do nome galáxia  
seremos só impulso  
difusas  
vontades de trilhares de quilômetros  
mais e menos  
que os antigos neurônios de deus  
que fôramos

**andrômeda**

*Guto Leite é poeta, cancionista e professor de literatura. Autor de cinco livros de poemas, entre eles o vencedor do Prêmio Açorianos de Criação Literária 2012: Entrechos ou valas do silêncio.*



Crédito: Athlete Santarosa e Lana Lanna





